



Autor: Bruno Seeller Biesczad

Orientadoras:

Msc. Márcia Pereira Bernardes e Msc. Monica Duarte da Silva Gonçalves

Transexualidade: a ação Psicodramática na construção da identidade Transexual

Florianópolis, 2016

LOCUS PSICODRAMA CLÍNICA & ESCOLA

Autor: Bruno Seeller Biesczad

Orientadoras:

Msc. Márcia Pereira Bernardes e Msc. Monica Duarte da Silva Gonçalves

Transexualidade: a ação Psicodramática na construção da identidade Transexual

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Formação em Psicodrama Clínico, da Locus Psicodrama, como pré-requisito para a obtenção do título Psicodramatista nível um.

Florianópolis, 2016

Agradecimentos

Agradeço ao meu companheiro Wagner pela paciência e compreensão nos momentos difíceis durante a elaboração desta monografia.

À Locus Psicodrama, seu corpo docente, direção e administração, que me deram a oportunidade de aprender e de produzir conhecimento, me auxiliando na tomada de papel de Diretor. Em especial à Mestre Márcia Bernardes, que sempre confiou, acreditou e apoiou o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Agradeço à orientadora Mestre Mônica Duarte Gonçalves, que dedicou-se no pouco tempo que lhe coube, pelas correções, orientações e palavras de acolhimento, incentivo e empoderamento.

À ADEH e seus integrantes, que disponibilizaram o espaço para que este trabalho fosse realizado.

E, principalmente, aos integrantes do grupo, que confiaram no meu trabalho e se dispuseram a fazer com que ele acontecesse da melhor forma possível. Muito Obrigado!

*A recriação do psicodrama de forma contínua
reside em sua própria filosofia.
Sermos fiéis a nosso mestre significa aceitarmos o
desafio de sermos nós mesmos e recriarmos
continuamente nosso próprio universo.
Se seu enfoque convertesse numa ortodoxia
dogmática, estaríamos em falta com o preceito
básico:
Seja espontâneo.*

Dalmiro M. Bustos

SUMÁRIO

1. Introdução	4
2. Justificativa e Relevância Social e Científica do tema	7
3. Problema de Pesquisa	8
4. Objetivos	8
4.1. Objetivo geral.....	8
4.2. Objetivos específicos	8
5. Fundamentação Teórica	9
5.1. Conceitos do Psicodrama	9
5.2. Algumas técnicas do Psicodrama	14
5.3. Grupos e psicodrama.....	15
5.4. Construção social sobre a transexualidade.....	16
6. Método	20
6.1. Caracterização da Pesquisa	20
6.2. Atores	20
6.3. Locus.....	20
6.4. Coleta de Dados	21
6.5. Ética na pesquisa em Psicologia	21
7. Descrições das sessões	23
7.1. Descrições dos Encontros	23
7.1.1. Descrição do primeiro encontro.....	23
7.1.2. Descrição do segundo encontro.....	23
7.1.3. Descrição do terceiro encontro	27
7.1.4. Descrição do quarto encontro	37
7.1.5. Descrição do quinto encontro.....	43
7.1.6. Descrição do sexto encontro	46
7.1.7. Descrição do sétimo encontro.....	50
7.1.8. Descrição do oitavo encontro	55
7.1.9. Descrição do nono encontro	60

7.1.10. Descrição do décimo encontro.....	71
8. Discussão e Reflexão dos Dados	85
9. Considerações finais.....	96
10. Referências Bibliográficas	97
11. Anexos	100

Resumo

A construção do saber psicodramático sobre as pessoas transexuais e a transexualidade se dá a partir do momento em que se estabelece um espaço para essa população. A utilização do método psicodramático foi a base para o desenvolvimento deste trabalho, que teve como objetivo entender como e se as técnicas psicodramáticas auxiliam um grupo de pessoas transexuais na construção e apropriação de sua identidade. Foram realizadas sete sessões de psicoterapia psicodramática nas dependências de uma organização não governamental da cidade de Florianópolis/SC, voltada para atendimento às pessoas transexuais, lésbicas, gays e bissexuais. Os resultados mostram que o método psicodramático é uma alternativa possível para a construção e apropriação da identidade transexual, permitindo o conhecimento do eu, de acordo com a matriz de identidade, e na elaboração coletiva do autoconhecimento.

Palavras Chave: Psicodrama, Transexualidade, Técnicas Psicodramáticas, Identidade Transexual

Abstract

The construction of knowledge psychodrama about transgender people and transsexuality starts from the moment that establishes an area for this population. The use of psychodrama method was the basis for the development of this work, which aimed to understand how and if the psychodrama techniques help a group of transgender people in the construction and ownership of their identity. Seven sessions of psychodrama psychotherapy were held on the premises of an NGO in the city of Florianópolis / SC, focused on care for transgender people, lesbians, gays and bisexuals. The results show that the psychodrama method is a possible alternative for the construction and appropriation of transsexual identity, allowing the knowledge of self, according to the identity matrix, and the collective elaboration of self-knowledge.

Keywords: Psychodrama, Transsexuality, psychodrama techniques, Transexual Identity

1. Introdução

O interesse em discutir a questão sobre a Diversidade me acompanha desde os meus primeiros anos de graduação. Já no primeiro período da faculdade de Psicologia tive a oportunidade de realizar uma pesquisa, para a cadeira de Antropologia, sobre grupos urbanos e o tema escolhido pela minha equipe foi o das *Drag Queens*.

Outra oportunidade de desenvolver um trabalho sobre a diversidade sexual humana apareceu no decorrer da graduação. Por volta do sexto período da faculdade, foi apresentado à turma do curso de Psicologia o livro *Os onze sexos*, de Ronaldo Pamplona da Costa e, cujo um dos capítulos, intitulado como “Alma Aprisionada”, o autor discorre sobre a transexualidade, foi sorteado à minha equipe de trabalho para apresentação para toda a turma.

As possibilidades dessa temática ainda não estavam (e ainda não estão) esgotadas para mim: ao final do curso de Psicologia, como tema de trabalho de conclusão de curso, realizei uma pesquisa com um grupo de homossexuais na terceira idade, em que homens e mulheres homossexuais contaram a sua história de vida e seus anseios para o futuro, resultando em um artigo para a defesa e conquista do título de Psicólogo.

Com o passar dos anos, continuei lendo e estudando sobre as diversas formas de expressão das sexualidades humanas, de maneira despretenhosa, para saciar a minha curiosidade e necessidade de entendimento sobre suas variadas representações, bem como a atuação do psicólogo para o atendimento a esse público, e a transexualidade foi a que mais me provocou e me “saltou” aos olhos.

Adentrei ao curso de formação e pós-graduação em Psicodrama no ano de 2012 e, em meados do curso, tivemos a disciplina de metodologia científica, na qual fomos instigados a pensar no nosso tema de monografia. Não me vinha nada na cabeça senão o tema da diversidade, mas ainda sem muita definição. Algumas ideias me vieram em mente, como a de realizar um grupo com homossexuais portadores de HIV, ou continuar com os estudos sobre a homossexualidade na terceira idade, mas nada me deixava seguro de que era o tema no qual realmente gostaria de trabalhar. A única clareza era a de que a sexualidade seria um tema central.

Para Alexandre Saadeh (2004), médico psiquiatra e Psicodramatista, coordenador do Ambulatório de Transtorno de Identidade de Gênero e Orientação Sexual do Instituto de Psiquiatria da USP, a sexualidade é um campo de transgressão e evolução constante, custando caro ao transgressor dos dois sexos e a quem enxerga a sexualidade com outras

possibilidades, ou seja, aquilo que não é comum aos sexos masculino e feminino, de acordo com suas genitálias, é estranho aos olhos da sociedade. Isso faz com que o desejo de escrever sobre a diversidade sexual aumente ainda mais.

Quando pensava no objeto de estudo para a realização da monografia de conclusão da formação em Psicodramatista de nível um, me vinha à mente pessoas importantes na minha história de vida e que contribuíram bastante para a decisão do tema.

Na época da graduação, no projeto com as *Drag Queens* comentado anteriormente, fomos auxiliados e acompanhados por Kauan¹ um rapaz que se travestia de *drag* para realizar shows em casas noturnas. O conheci quando ele ainda se apresentava na identidade de gênero masculina, ou seja, um homem que se vestia de *Drag Queen*, mas que, ao término dos shows, voltava a se apresentar como homem. Nunca perdi o contato com ele. Com o passar dos anos, Kauan se entendeu como transexual e assumiu a identidade de gênero feminina.

Por meio da minha rede sociométrica, nessa mesma época, quando ainda morava na cidade de Curitiba, fui apresentado à Marian e Rosilei, aumentando a minha rede na comunidade transexual. Marian é uma transexual mulher e a conheci em um *happy hour* entre amigos em um bar, onde ela me contou sobre a sua história de vida e sua trajetória até apresentar-se como mulher. Rosilei é um transexual homem e fomos apresentados em uma festa na casa dos mesmos amigos, momento em que também conversamos sobre a sua história de vida. Quando mudei para Florianópolis, já formado em Psicologia, conheci Bianca, ainda se apresentava na identidade de gênero masculina, mas logo em seguida percebeu-se transexual e começou o processo de hormonização.

Com o intuito de fazer a sociedade entender um pouco mais sobre a transexualidade, frente a alguns retrocessos referentes ao tema, muitas matérias começaram a surgir na mídia e o assunto passou a ser mais discutido, inclusive pelo Conselho Federal de Psicologia, que dedicou uma matéria inteira em seu periódico, o *Jornal do Federal* (ano XXVI, nº 11 de Agosto de 2015, págs 16 e 17), falando sobre a despatologização transexual, aumentando ainda mais o meu desejo de estudar e produzir conhecimento sobre essa comunidade.

Busquei, então, a orientação de duas professoras do curso de Psicodrama acerca do meu tema de monografia, pois ainda estava um pouco inseguro e sem muitas definições. Estávamos em um restaurante e contei-lhes que gostaria de continuar com o tema da

¹ Todos os nomes apresentados no decorrer desse trabalho serão fictícios, mantendo a identidade de cada sujeito em sigilo.

diversidade e que a transexualidade era um assunto que me chamava muito à atenção, pois gostaria de trabalhar com a questão da identidade transexual, aumentando a visibilidade sobre esse grupo na sociedade por meio dos estudos psicodramáticos. Foi então que uma delas levantou da mesa, buscou o rapaz que estava atendendo no restaurante e me apresentou: Bruno, este é Luiz, transexual e vai te ajudar no seu trabalho de conclusão de curso. Pronto. O tema estava definido!

Foi então que passei a pesquisar sobre a transexualidade e percebi que existe uma literatura significativa sobre o assunto com o enfoque de diversas áreas de conhecimento, porém, talvez ainda não em uma quantidade necessária pela importância do assunto. Na literatura psicodramática, entretanto, constatei a escassa produção sobre a temática aqui ressaltada.

O psicodrama de Moreno possui um olhar próprio sobre os processos grupais, em que as forças possuem um papel fundamental e decisivo na estruturação da subjetividade grupal, sendo mais fácil lançar e trabalhar para a resolução dos problemas dentro do próprio grupo, onde as ações de um influenciam as ações do outro (ANDALÓ, 2006).

Assim, o Psicodrama pode ser uma metodologia possível para o atendimento a um grupo de transexuais que visa a ressignificação da sua identidade de gênero por meio da metodologia e técnicas psicodramáticas.

2. Justificativa e Relevância Social e Científica do tema

A produção de material sobre a transexualidade no Psicodrama é restrita, trazendo a necessidade da utilização de outros olhares para este estudo com o intuito de aumentar o entendimento dessa forma de sexualidade dentro de tantas outras sexualidades.

A transexualidade, segundo Pamplona (2011) é uma das possibilidades da diversidade sexual humana e que, ao contrário da homossexualidade, ainda permanece no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) como um Transtorno de Identidade de Gênero que considera a transexualidade a preocupação e desejo de o sujeito manifestar-se e adotar o papel social do sexo oposto ou por adquirir a aparência física do sexo oposto por meio de cirurgias e/ou hormonizações.

Essa patologização, aliada a falta de visibilidade desta população, contribui para o reforço do preconceito e o aumento da violência contra as pessoas transexuais.

Em 2012, em último relatório publicado pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), foram registrados pelo poder público 3.084 denúncias de 9.982 violações relacionadas à população LGBT, envolvendo 4.851 vítimas. Esse cenário se torna ainda mais preocupante se considerarmos a subnotificação dos dados relacionados a esse tipo de violência, pois a quantidade de ocorrências é muito maior do que a reportada ao poder público.

A violência faz parte da vida da maioria dos transexuais desde a sua infância, com a vigilância e a punição para que se adaptem ao comportamento tido como ideal para o seu sexo anatômico, gerando grande sofrimento ao longo da vida (SOUZA E BERNARDO, 2014).

Saadeh (2004) diz que o estudo da transexualidade pelo psicodrama se inicia a partir do momento em que se estabelece um atendimento a essa população, pensamento este que é reforçado pelo CFP (2015), que denota a importância de se instalar debates sobre a despatologização das experiências transexuais.

Portanto, faz-se necessária a oferta de um espaço para que a população transexual seja ouvida, vista e respeitada como pessoas, contribuindo para a diminuição do sofrimento de serem elas mesmas perante a sociedade.

3. Problema de Pesquisa

O método psicodramático e suas técnicas podem auxiliar os transexuais na construção e ressignificação de aspectos da sua identidade de gênero?

4. Objetivos

4.1. Objetivo geral

Investigar se o método psicodramático e suas técnicas auxiliam o transexual na construção e ressignificação de aspectos de sua identidade de gênero.

4.2. Objetivos específicos

Refletir sobre as técnicas psicodramáticas na construção e ressignificação da identidade transexual;

Contribuir para o enriquecimento da literatura psicodramática sobre as técnicas do Psicodrama e a transexualidade.

5. Fundamentação Teórica

Serão apresentados nesse capítulo alguns conceitos do Psicodrama, contextualizando o leitor ao olhar pelo qual esse trabalho foi realizado. Em seguida, pela falta de material produzido nesta abordagem, fez-se necessário emprestar o conhecimento de outras áreas para abordar o tema da transexualidade e a sua construção social.

5.1. Conceitos do Psicodrama

O Psicodrama foi criado por Jacob Levi Moreno, cuja data de nascimento era dada, por ele mesmo, como 20 de maio de 1892. O fato é que Moreno criou diversas histórias sobre o seu nascimento, utilizando de um canal que pudesse contar a verdade de maneira simbólica, instigando as pessoas a utilizarem a imaginação para entender de sua história (MARINEAU, 1992).

A palavra “Psicodrama” origina-se do grego, em que Drama significa ação e Psico significa psique, alma. Portanto o Psicodrama poderia ser definido como uma investigação da alma humana através da ação. O Psicodrama tem como objetivo o Encontro: a capacidade de o ser humano relacionar-se com o outras pessoas e com o mundo, com respeito a si próprio a ao outro (DRUMOND, 2012)

Moreno entendia que o indivíduo se construía por suas relações interpessoais, ou seja, logo ao nascer, o ele é inserido num conjunto de relações, ao qual denominou de Matriz de Identidade. Toda a teoria moreniana parte da ideia do homem em relação, como um indivíduo social, que necessita dos outros indivíduos para se desenvolver e sobreviver. Sendo assim, tinha a inter-relação como eixo fundamental de estudo, desenvolvendo a Socionomia para investigá-la, sendo que essa é o estudo das leis que regem o comportamento social e grupal (GONÇALVES, 1988).

A Socionomia é dividida em três ramificações: a Sociodinâmica, a Sociometria e a Sociatria.

Na Sociodinâmica é estudado o funcionamento das relações interpessoais (ou a dinâmica do grupo) e como se dão os vínculos entre os indivíduos; na Sociometria é o estudo das relações inter-humanas, de acordo com Fonseca (2008), entendendo quais são os motivadores que atrativos e repulsivos dentro do grupos sociais; a Sociatria é a relação terapêutica propondo a transformação e a cura dos sistemas sociais.

Como toda teoria psicológica, o psicodrama também possui uma teoria do desenvolvimento psicológico humano que, como conta Gonçalves (1988), Moreno chamou de Matriz de Identidade que representa todo o processo relacional da criança desde a sua concepção, considerando fatores psicológicos, sociais, culturais e biológicos descrevendo cinco etapas:

- 1) Fase da indiferenciação: onde a mãe, o mundo e a criança estão misturados e indiferenciados.
- 2) Fase onde a criança concentra-se no outro, deixando-se de lado e esquecendo-se de si mesma.
- 3) Etapa em que a criança atenta-se a si mesma, esquecendo-se do outro.
- 4) A criança já se arrisca a tomar o papel do outro, porém não suporta que o outro tome o seu papel.
- 5) Nesta etapa já é possível a troca de papéis.

Quanto à Matriz de Identidade, Fonseca (2008) contribuiu com algumas modificações, que concluiu através de reflexões clínicas, descrevendo as seguintes fases da Matriz:

- 1) Indiferenciação: nessa fase o *eu* e o *tu* estão misturados. Mãe, bebê e mundo são a mesma coisa, o que faz com que a criança precise de alguém para sobreviver. Alguém que faça o que ela não pode fazer.
- 2) Simbiose: O bebê caminha para ganhar a sua identidade como pessoa, discriminando o Eu, o Tu e o mundo, porém não consegue fazer isso por completo, mantendo uma estreita relação com a mãe.
- 3) Reconhecimento do Eu: Continuando no caminho do desenvolvimento, a criança passa para um estágio do reconhecimento de si mesma, distinguindo as sensações corporais como fome e dor.
- 4) Reconhecimento do Tu: Ao mesmo tempo em que está se reconhecendo como pessoa, a criança também está em processo de conhecimento do Outro. Trata-se da fase em que ela descobre que o outro sente e reage em relação às suas iniciativas.
- 5) Relações de Corredor: Aqui, segundo Moreno, estabelece-se a “brecha entre fantasia e realidade”. A criança consegue discriminar o que sou eu e o “resto do mundo”. Nessa fase a criança relaciona-se de maneira possessiva, em que o outro é só meu e de mais ninguém.

- 6) Pré-inversão: A criança realiza o jogo de papéis assumindo o papel do Tu, mas ainda sem inversão.
- 7) Triangulação: Nesta fase é incluído um “ele” na relação. Esse *Ele* tem relação com o “seu *Tu*”, como se o tivesse roubado da relação “Eu-Tu”. O ideal é que a criança entenda a realidade de que os “outros” possam ter relacionamentos independentes do seu Eu e que isso não a ameaçaria da perda efetiva, podendo aceitar o Tu_Ele.
- 8) Circularização: Ultrapassando a fase da Triangulação, a criança estaria pronta para se relacionar com outras pessoas, socializando-se.
- 9) Inversão de Papéis: A inversão de papéis significa incluir-se do outro lado. Significa que Eu e Tu possam estar presentes e em condições de captar-se a si mesmo e ao outro com a respectiva troca de posições. A Inversão de papéis é a culminância do processo de desenvolvimento da Tele.
- 10) Encontro: Este seria um momento especial, de plena capacidade de inversão de papéis, que representa um momento de “saúde” da relação, em que o Eu será mais Eu e o Tu mais Tu.

A Tele, citada acima, de acordo com Drummond (2012) é a capacidade de perceber de forma objetiva o que ocorre nas situações e o que passa entre as pessoas. A Tele, para Moreno, é também uma percepção interna entre dois indivíduos simultaneamente e, apesar de semelhantes, o fator tele e a empatia possuem diferenças importantes:

A empatia é captação, pela sensibilidade, dos sentimentos e emoções de alguém ou contidas, de alguma forma, em um objeto (por exemplo, em uma obra de arte). É a tendência que o sujeito sente em si mesmo de se “adentrar” no sentimento como qual toma contato. (Gonçalves, 1988, pág. 49).

O Psicodrama entende que todo indivíduo nasce espontâneo e criativo, tendo essas potencialidades embotadas no seu desenvolvimento ao longo da vida. A espontaneidade é a capacidade de agir de modo “adequado” frente à novas situações, criando novas ou renovadoras respostas ou, ainda, transformando situações

preestabelecidas. Quando a espontaneidade é associada à “adequação” (ajustamento, adaptação), ela é feita com a proposta de o homem ajustar-se a si mesmo, estando presente nas situações, configuradas pelas relações afetivas e sociais, procurando transformar seus aspectos insatisfatórios (GONÇALVES, 1988).

Com isso, a espontaneidade e a criatividade fazem o processo criador possível e, quando finalizado, surgem as conservas culturais, que são os produtos acabados desse processo. “É evidente que um processo criador espontâneo é a matriz e a fase inicial de qualquer conserva cultural (...)”. (MORENO, 1975, p. 160)

Segundo Guimarães (2011), não é possível dissociarmos a teoria da espontaneidade da teoria do momento. Sobre a teoria do momento, Moreno diz que, para que o momento seja aproveitado, são necessárias três circunstâncias “a) deve ocorrer uma mudança na situação; b) a mudança deve ser suficiente para que o indivíduo perceba a experiência de novidade; c) essa percepção implica atividade por parte do indivíduo, um ato de aquecimento preparatório de um estado espontâneo” (MORENO, 1975, p. 155).

A palavra momento, para Brustolin (2006), reflete a contextualização e a temporalidade dos atos, que são aspectos essenciais para a existência humana. Sendo assim, Moreno distinguiu três fatores para delinear o momento: o *locus*, que é o lugar onde ocorreu o ocorrem os atos; o *status nascendi*, como processo de concepção para o desenvolvimento dos atos e a matriz, como local fundante.

Estes fatores representam fases diferentes do mesmo processo. Não existe “coisa” sem seu locus; não há locus sem seu status nascendi e não há status nascendi sem sua matriz. O locus de uma flor, por exemplo, está no canteiro onde cresce como tal (...). O seu status nascendi é o de uma coisa em desenvolvimento, tal como brota da semente. A sua matriz é a própria semente fértil. (MORENO, 1975, p. 74)

A matriz, por sua vez, é o locus nascendi. Onde se fundam todos os atos e interações que deles resultaram, marcando e determinando as características fundamentais de cada indivíduo.

(...) matriz é, em si, o próprio conceito de vínculo em sua acepção mais exata. Esse conceito de matriz não deve ser considerado no sentido de um mero molde, mas como um universo de ações e interações fundamentais e constituintes; uma área onde o homem desempenha papéis protagônicos, deuteragônicos e antagonísticos que determinam e marcam, no momento mesmo em que emergem originalmente, as características fundamentais de um determinado indivíduo, no processo evolutivo em que vai se constituindo. (MENEGAZZO, 1995, p. 124)

A prática psicodramática nasceu do teatro da espontaneidade com o intuito de alcançar a espontaneidade dos indivíduos e é constituída por três etapas: o aquecimento, a dramatização e o compartilhamento. Uma quarta etapa é utilizada apenas com o intuito pedagógico, para o aperfeiçoamento da prática do diretor, a qual se denomina processamento da sessão psicodramática.

A etapa do aquecimento tem como finalidade, segundo Cukier (1992), de fazer com que os sujeitos prestem atenção em si mesmos, desconectando-se ao máximo com o mundo exterior. Segundo Gonçalves (1988), o aquecimento é disparado por iniciadores e é de onde sai a proposta a ser trabalhada no grupo e um possível protagonista ou tema protagônico.

A dramatização é a etapa em que o tema ou conflito é apresentado efetivamente no grupo. Marineau (1992) diz que, para Moreno, reviver uma determinada situação distancia o sujeito do fato, tornando-o mais fácil de ser compreendido quando vivido pela segunda vez.

O compartilhamento, ainda segundo Marineau (1992), é a terceira parte da sessão dramática, visando o compartilhar das experiências e emoções dos observadores com o protagonista na ação que acabara de acontecer. Esta etapa, segundo Holmes e Karp (1992) possibilita ao protagonista sentir maior identificação com os outros participantes e possibilita maior cuidado, apoio e compreensão entre as pessoas.

O processamento é uma etapa que cabe apenas aos diretores. Nessa etapa é possível avaliar teoricamente as metodologias e técnicas utilizadas durante as sessões.

Por ter a sua origem no teatro, o Psicodrama possui cinco instrumentos que fazem parte do ato psicodramático. Gonçalves (1988) traz que a pessoa que conduz o ato é chamada de Diretor. Moyses Aguiar (1988) diz que o protagonista seria aquele que emerge do grupo, “desempenhando o papel do personagem que centraliza o tema e a trama”, e Andaló (2006) complementa, afirmando que o protagonista é, também, o instrumento de leitura e compreensão do grupo e seus processos. Os egos, cujo papel é fundamental para auxiliar o protagonista na visualização de outras possibilidades nas relações, podendo ser ator, investigador e terapeuta. O público e/ou Plateia são os demais participantes da sessão psicodramática. (Gonçalves 1988).

Durante a dramatização podem ser utilizadas diversas técnicas, que serão um pouco mais exploradas no próximo capítulo. Segundo Fonseca (2008) o Psicodrama possui três técnicas básicas que têm embasamento nas fases do desenvolvimento na Matriz de Identidade que são: Duplo, utilizada na fase de Indiferenciação; O Espelho, utilizado na fase de reconhecimento do Eu e técnica de Inversão de Papéis, que leva o nome da mesma fase da Matriz de Identidade, sendo que a última pode ser utilizada em todas as suas antecessoras.

Muitas outras técnicas podem ser desenvolvidas a partir dessas três técnicas básicas. De acordo com Gonçalves (1988), Moreno fala de 351 técnicas psicodramáticas em seu livro Psicoterapia de Grupo e Psicodrama. O importante é que se tenha segurança nas três técnicas básicas para que se desenvolvam todas as outras.

5.2. Algumas técnicas do Psicodrama

Conforme dito acima, o psicodrama possui diversas técnicas que podem ser utilizadas durante a etapa de dramatização. Seguem, abaixo, as técnicas básicas, segundo Ramalho (2011), que podem dar origem a várias outras técnicas:

Duplo: tem por finalidade auxiliar o protagonista a entrar em contato com emoções que não está conseguindo acessar e/ou expressar.

Espelho: consiste em o protagonista ser “copiado” por outro participante do grupo e/ou o psicoterapeuta, possibilitando que o protagonista possa se olhar de fora da cena, possibilitando insights sobre a sua própria vivência.

Inversão de papéis: nessa técnica o protagonista pode assumir o papel do seu antagonista, desempenhando-o da maneira como o percebe e o enxerga nas suas vivências. Quando o protagonista assume o papel do outro, está fazendo uma variação da técnica de

apresentação de papéis, em que toma o papel do outro (tomada de papel) para a representação.

Maximização: consiste em solicitar ao protagonista que dê maior “volume” a algum gesto ou manifestação verbal, a fim de potencializá-lo na cena quando destoa da sua comunicação.

Concretização: refere-se à materialização de sentimentos, emoções, objetos inanimados, partes do corpo, conflitos, etc. a fim de trazê-lo à cena com maior ênfase.

Solilóquio: é o “pensar alto”, como se houvesse uma caixa acústica dando voz aos pensamentos.

Psicodrama Interno: é o trabalho de dramatização de maneira simbólica, com a finalidade de ajudar o protagonista a elaborar melhor seus sentimentos e emoções internas, sem trazê-los para a cena aberta.

Onirodrama: consiste em trazer à cena dramática as vivências que o protagonista teve em seus sonhos.

Projeção para o futuro: essa técnica permite que o protagonista possa viver etapas que julga importantes para chegar em seu objetivo futuro, colocando-se nos tempos futuros, sentindo as emoções e anseios, possibilitando-o um possível planejamento de vida.

5.3. Grupos e psicodrama

Como é possível perceber, o psicodrama foi fundado para e com os grupos, uma vez que Moreno acreditava que cada um é parte de um grupo e/ou representações sociais, onde cada sujeito pode manifestar-se de maneira espontânea e criativa (MARINEAU, 1992).

Para Pichon-Rivière (2009) um grupo é formado por um conjunto de pessoas que que estão ligadas entre si no mesmo tempo e espaço e com a mesma representação emocional, corroborado por Andaló (2006), que diz que um grupo é constituído por uma união de pessoas que possuem os mesmos objetivos que os levam a estabelecer uma relação interativa e com reciprocidade.

Andaló (2006) diz ainda que os grupos são mediadores entre as particularidades e as totalidades dos sujeitos, reafirmando a ideia de Dias (1987), que expõe que as vivências dos indivíduos em suas relações interpessoais fora do grupo serão refletidas no grupo, uma vez que o grupo é uma amostra social.

O psicodrama de grupo, para acontecer, precisa obedecer a quatro configurações básicas, segundo Dias (1987):

- a) Configuração básica de grupo, em que é obrigatório o estabelecimento de vínculo entre cada participante e o diretor/terapeuta, que é a sustentação do grupo nessa configuração.
- b) Integração é a fase que se segue da configuração básica, mas ainda mantém o diretor/terapeuta como centro e protagonista do grupo, porém os participantes já começam a estabelecer vínculos e interagir entre si, mas são vínculos que ainda dependem do acompanhamento e proteção do diretor.
- c) Circularização acontece quando o grupo passa a trocar intimidades e particularidades sem a intervenção direta do diretor ou até mesmo quando o grupo está sozinho. Esquece-se do diretor e passa a tratar-se um com o outro, configurando, de fato, um psicodrama em grupo.
- d) Hierarquização é a melhor fase do grupo, pois os participantes conseguem, sem o auxílio do diretor, estabelecer um grau de importância e de liderança, organizando-se para trabalhar em grupo.

5.4. Construção social sobre a transexualidade

Utilizando-se de um olhar psicodramático, França (2009) diz que a maneira como o sujeito se percebe, se valoriza ou desmerece a si mesmo e como está constituída a sua identidade, dão referência ao desenvolvimento da sua autoestima e autoimagem. Logo ao nascerem, as crianças são identificadas de acordo com a sua genitália externa. Já a sua identidade de gênero é formada por volta dos dois anos e meio de idade, de acordo com a matriz de identidade.

Gênero é a expressão ideal para tratar de sexualidade, pois descentraliza o pensamento de sexo, ou seja, tira a ideia de que ser homem ou mulher é definido pela genitália que o indivíduo recebeu ao nascer. De acordo com Vieira (2011), o gênero é constituído por aspectos psicológicos, socioculturais relativos aos padrões sociais de comportamento, definidos pela prática na qual as pessoas vivem, culturalmente, papéis com estereótipos femininos e masculinos.

Estas ideias são corroboradas por Dias (2000) que diz que a identificação do sexo é feita pelos caracteres orgânicos logo que a criança nasce, identificando o indivíduo como pertencente a um ou a outro sexo exclusivamente pela genitália exterior. Contudo, há que atentar em que a determinação do gênero não se desenvolve exclusivamente das

características físicas, não podendo mais se considerar o conceito de sexo sendo diferente de uma resultante de fatores genéticos, somáticos, psicológicos e sociais.

Para Moreno, as relações interpessoais é que são responsáveis pela concepção do indivíduo. Ao nascer, a criança é inserida num conjunto de relações, constituído pela mãe, pai, irmãos, avós, tios, etc. O Homem moreniano é, portanto, um indivíduo social, porque nasce em sociedade e necessita dos outros para sobreviver e se desenvolver (GONÇALVES, 1988), reforçando a ideia de que o indivíduo, incluindo seus aspectos de orientação sexual e gênero, é construído socialmente.

A sexualidade humana é representada por inúmeras formas, uma colcha de retalhos, ou um “caleidoscópio”, como ilustra Pamplona (1941), e a transexualidade é uma dessas “imagens” da sexualidade humana, uma posição que a Teoria de Papéis, do psicodrama, pode nos ajudar a entender.

Moreno desenvolveu a Teoria de Papéis, com comportamentos observáveis que consiste em um conjunto único de ações e atitudes. Na vida, os indivíduos têm funções, determinadas por situações socioeconômicas, por sua inserção numa determinada classe social, por seu átomo social e por sua rede sociométrica, ou seja, o “papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos” (GONÇALVES, 1988).

Moreno trouxe, como explicitado anteriormente, a Matriz de Identidade e, segundo Saadeh (2004), a transexualidade forma-se na passagem pela brecha entre a realidade e a fantasia, onde não há separação das duas no que diz respeito à estruturação de uma identidade sexual, dando espaço a um eu ilusório, chamado de “eu delirante”. O eu delirante seria, então, a transexualidade desenvolvida.

Apesar de a homossexualidade já ter sido retirada da lista diagnóstica do DSM como uma doença mental, a transexualidade é entendida, ainda, como um Transtorno de Identidade de Gênero, segundo o DSM IV, que considera a transexualidade a preocupação e desejo de o sujeito manifestar-se e adotar o papel social do sexo oposto ou por adquirir a aparência física do sexo oposto por meio de cirurgias e/ou hormonizações.

Em 2012, em último relatório publicado pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), foram registrados pelo poder público 3.084 denúncias de 9.982 violações relacionadas à população LGBT, envolvendo 4.851 vítimas. Esse cenário se torna ainda mais preocupante se considerarmos a subnotificação dos dados

relacionados a esse tipo de violência, pois a quantidade de ocorrências é muito maior do que a reportada ao poder público.

A violência faz parte da vida da maioria dos transexuais desde a sua infância, com a vigilância e a punição para que se adaptem ao comportamento tido como ideal para o seu sexo anatômico, gerando grande sofrimento ao longo da vida (SOUZA E BERNARDO, 2014).

Trevisan (2007), referenciando a biografia de Roberta Close, transexual brasileira, relata a trajetória dela desde menino, que foi espancado, expulso de casa, estuprado e humilhado por parecer menina, passando por prisões, em que era obrigada a transar com delegados para poder ser liberada.

Essas ações vividas por Roberta Close mostram o quanto as pessoas transexuais são abusadas em sua infância, psicológica, física e sexualmente. Rosa Cukier (1998) ao escrever sobre abuso infantil, diz sobre o abuso sexual:

É o que mais envergonha, é mais frequente do que se imagina e envolve a família inteira. Envolve não só o fato de um ou ambos os pais obrigarem a criança a manter relações sexuais físicas com ele(s), mas também como formas sutis de ultraje (pág. 32).

Ainda são presentes os abusos físicos, que são qualquer tipo de punição física como bater, espancar, trancar no quarto escuro, puxar os cabelos, beliscar, etc. e os abusos emocionais, que podem se manifestados por meio do desrespeito às vontades da criança, impondo-lhe os desejos dos pais e não levando os dela em consideração (CUKIER, 1998).

Para Moreno (2012) o locus do si-mesmo é a espontaneidade. A espontaneidade, por sua vez, é um desvio das “leis” da natureza e a matriz da criatividade. A medida que a espontaneidade diminui, o si-mesmo encolhe. Quando a espontaneidade expande, o si-mesmo cresce. Se o potencial da espontaneidade é ilimitado, o potencial do si-mesmo também o é.

Com base nesses estudos bibliográficos, é possível entender que a transexualidade é um aspecto do si-mesmo, que, de acordo com Moreno (2012) é um processo de dentro pra fora, como uma árvore que floresce na primavera. O que floresceu foi a espontaneidade e a criatividade do si-mesmo.

Através da prática psicodramática, num contexto grupal, considerando a realidade grupal tal como ela é; o tempo cronológico dentro de um intervalo estabelecido e pelo espaço concreto, e num contexto dramático, no “como se” (GONÇALVES, 1988) é possível realizar um treino da espontaneidade.

A espontaneidade, para Moreno (2012), não utiliza o princípio da organização antecipada. Permite que o processo de criatividade emergja em estado natural em qualquer fase do desenvolvimento.

Considerando que a transexualidade é o si-mesmo de cada sujeito transexual e que o processo psicodramático compromete-se a expandir a espontaneidade, podemos entender que a identidade transexual poderá emergir com mais sensibilidade no grupo, através da empatia que, para Gonçalves (1988), é a captação, pela sensibilidade, dos sentimentos e emoções de alguém ou contidas, de alguma forma, em um objeto. “É a tendência que o sujeito sente de si mesmo de ‘adentrar’ no sentimento com o qual toma contato” (pág. 49).

Para Cukier (1998), o Psicodrama oferece o respeito e a aceitação, a constância e o compromisso, além da capacidade da emoção do psicoterapeuta para com o drama real do paciente, dizendo que essas são poções mágicas, prontas para reavivar a espontaneidade.

Desde que as ciências têm produzido um conjunto de práticas e mecanismos classificatórios e discriminatórios, faz-se necessária a instalação de um debate sobre a despatologização das experiências transexuais. A transexualidade, ainda que não produza a concepção normativa de que haver coerência entre sexo biológico/gênero/desejo sexual, não constitui condição psicopatológica (CFP, 2015)

Esse debate é importante para que as pessoas transexuais sejam entendidas, vistas e reconhecidas como seres humanos completos e isso só é possível, como externa Pamplona (1941), se eles tiverem seus direitos e deveres garantidos por lei, podendo exercer sua cidadania de maneira livre e podendo exercer a sua sexualidade independente da maneira que ela é exteriorizada socialmente.

Respeitar o seu corpo e seus sentimentos são o mínimo que a sociedade em geral tem o dever fazer. Desta forma as pessoas transexuais poderão construir e assumir o papel com o qual se relacionarão com as outras pessoas de maneira espontânea, criativa e adequada, diminuindo, assim, o seu sofrimento de serem elas mesmas perante a sociedade.

6. Método

6.1. Caracterização da Pesquisa

Esse trabalho foi desenvolvido como uma pesquisa qualitativa por meio da pesquisa-ação. A pesquisa qualitativa, segundo Kauark (2010), considera que existe uma relação indissociável da vida real à subjetividade do sujeito, não podendo ser traduzida em números, em que o processo e o seu significado são os focos principais dos pesquisadores. Na pesquisa-ação, para essa mesma autora, os participantes e pesquisadores estão envolvidos de modo cooperativo e/ou participativo da situação, empenhados em solucionar o problema coletivo. Assim, segundo Thiollent (2008), a participação de todos os indivíduos envolvidos no problema é extremamente necessária.

6.2. Atores

Para a participação do grupo, foram convidadas dez pessoas transexuais, das quais quatro participaram efetivamente dos encontros enquanto as outras seis pessoas oscilavam na frequência.

Os participantes foram convidados e identificados através da rede sociométrica do autor, combinada com as redes sociais virtuais, com o facebook e whatsapp, contando com o apoio de professores, amigos e colegas do curso de formação em Psicodrama.

6.3. Locus

Esta pesquisa, em formato de grupo terapêutico, aconteceu nas instalações na ADEH – Associação em Defesa dos Direitos Humanos com Enfoque na Sexualidade. Trata-se de uma Organização Não-Governamental que atua no sentido da garantia de direitos, da promoção da saúde e da discussão no campo dos Direitos Humanos e das políticas TLGB (Travestis, Transexuais, Lésbicas, Gays e Bissexuais).

A Associação foi fundada em Florianópolis no ano de 1993, enquanto Fundação da Associação em Defesa dos Direitos Homossexuais, com enfoque nas ações em saúde no campo do HIV/AIDS com a população de travestis e transexuais em situação de prostituição.

Com o falecimento da então presidente Clô, em 1995, em um conflito com policiais enquanto realizava a distribuição de preservativos para as pessoas que trabalhavam nas ruas, houve uma dispersão dos membros da instituição, fazendo-a perder

força. Em 1999, a Associação se reestrutura e reinicia os trabalhos em atenção à Saúde, ainda focados à população travesti e transexual de Florianópolis.

A partir disso, a Associação vem desenvolvendo projetos com a finalidade de acolher e acompanhar a população TLGB de Florianópolis e Região, continuando com a distribuição de preservativos e materiais relacionados aos Direitos Humanos.

Desde 2006 está em funcionamento na Associação o Centro de Referência em Direitos Humanos de Florianópolis, voltado para o acolhimento e acompanhamento de pessoas em situação de discriminação e violência de gênero.

Atualmente a ADEH conta com um projeto de economia solidária, em parceria com outras instituições, para que as pessoas atendidas pela Associação possam desenvolver outras práticas profissionais, produzindo produtos e comercializando-os, como outra fonte possível de renda.

6.4. Coleta de Dados

Os dados para esta pesquisa foram coletados por meio de atendimentos psicodramáticos a um grupo de pessoas transexuais, tendo o autor desse trabalho de monografia o papel de Diretor nas sessões psicodramáticas. Esta pesquisa tem como técnica de pesquisa a observação participante, em que o pesquisador (diretor) participa dos atos, tornando-se parte do grupo estudado (Kauark, 2010).

Foram realizados, dez encontros que tiveram como base o método psicodramático e as técnicas advindas deste, que foram comentadas durante o desenvolvimento deste projeto de monografia e outras técnicas que possam surgir a partir delas.

As atividades dos encontros foram realizadas de acordo com o movimento grupal. O foco de todo o trabalho foi psicoterapêutico, sendo, portanto, um grupo que segue os moldes de psicoterapia grupal tematizada.

6.5. Ética na pesquisa em Psicologia

Este trabalho de pesquisa e monografia está amparado em aspectos éticos que envolvem a pesquisa com seres humanos, em concordância com as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo Seres Humanos (Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde).

Todos os participantes têm seu anonimato garantido, bem como o sigilo de suas informações, conforme orientado por Iara Coelho Zito Guerriero, Psicóloga e

coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo e membro da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) no Jornal Psi de número 142 do CRP/SP: “O participante tem o direito ao sigilo das informações que fornece e, no caso de pesquisas em Psicologia, a saber a quais procedimentos será submetido. Além disso, a entrevista de conteúdo pessoal deve ser realizada em um lugar reservado”.

Para a realização desta pesquisa-ação será utilizado, também, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O documento contém todas as especificações do projeto, ressaltando que todos terão sua privacidade e sigilo assegurados, bem como orientações no sentido de que todo e qualquer participante é livre para deixar de participar do estudo em qualquer momento.

7. Descrições das sessões

Este capítulo tem como objetivo expor as descrições de cada um dos dez atendimentos realizados pelo autor desse trabalho, ressaltando que, para que o sigilo e anonimato dos participantes sejam assegurados, foram atribuídos nomes fictícios a cada um deles.

O autor desse projeto será chamado de *Diretor* para o melhor entendimento das narrativas.

7.1. Descrições dos Encontros

7.1.1. Descrição do primeiro encontro

Para este primeiro encontro, cinco participantes confirmaram suas presenças. O encontro aconteceria na sede da Locus, instituição onde o diretor faz a formação em Psicodrama, pois a instituição já possui salas de atendimentos preparadas para o atendimento psicodramático.

Foi convidada, também, uma pessoa para o papel de relator, auxiliando nas anotações necessárias.

O diretor chegou à sede da Locus por volta das dezoito horas para realizar a preparação da sala para o encontro que começaria às dezenove horas. As dezoito e cinquenta chegou a pessoa convidada para realizar a relatoria.

Depois de aguardar até as dezenove e quinze e nenhum participante chegar, o diretor entrou em contato com uma das participantes, que alegou que teve uma grande briga com o pai por conta da sua transexualidade e estava sem estrutura emocional para participar do grupo, mas confirmou a presença no próximo encontro.

Outro participante disse que teve uma emergência no trabalho e não pôde participar do grupo, confirmando presença para o próximo encontro.

Outros dois participantes disseram que procuraram o local do encontro por meia hora e que não encontraram, desistindo de participar nesse dia, mas confirmando presença nos próximos encontros.

O diretor não conseguiu contato com um dos participantes e este também não entrou em contato para justificar a sua falta nos dias subsequentes.

7.1.2. Descrição do segundo encontro

Para este encontro, três pessoas confirmaram presença. O diretor combinou de encontrá-los em um shopping próximo da Locus para que ficasse mais fácil de eles irem para os atendimentos nos próximos encontros.

Apenas o Luís apareceu no horário combinado e, depois de quinze minutos de espera no shopping, ambos seguiram para a sede da Locus, para que Luís pudesse conhecer o espaço.

Ambos entraram na sala de atendimento e sentaram-se em duas poltronas. O diretor explicou:

- *“Luís, agradeço muito a sua presença, mas não poderemos começar o grupo hoje. Não temos pessoas suficientes para isso”*.

Luís: *“Tudo bem. Eu estou ajudando de coração e vou fazer de tudo para te ajudar ainda mais se eu puder”*.

Diretor: *“Muito obrigado pela sua ajuda, Luís. Fico muito emocionado em saber disso. Mas, já que estamos aqui, para não perdermos a nossa viagem, me conta um pouco da sua vida para eu te conhecer melhor”*.

Luís: *“Então Bruno. Eu me percebo como um menino desde os meus quatro anos de idade. Na minha escola, quando criança, eu me recusava a entrar no banheiro em que tinha a foto da Mônica na porta. Sempre queria usar o banheiro masculino, que tinha a foto do Cebolinha. Uma vez eu fui pego pela professora no banheiro masculino e a escola chamou minha família. Esse era um dos motivos que faziam apanhar muito em casa”*.

Diretor: *“Pôxa. Devia ser muito difícil mesmo”*.

Luís: *“Sim. Nas festas de família eu sempre ficava sozinho, isolado num canto, enquanto todos confraternizavam. No Natal, por exemplo, que é uma data bastante família, eu sempre ficava sozinho em um canto. E isso me machucou muito”*.

Diretor: *“Imagino mesmo”*.

Luís: *“Eu sempre sofri muito preconceito na escola. Sempre apanhei muito”*.

Diretor: *“Luís, você não tem vontade de dar continuidade aos seus estudos”?*

Luís: *“Não tenho mais interesse em estudar. Já sou formado em Gastronomia e Turismo e sofri muito preconceito no ambiente acadêmico. Os professores não me respeitavam e me chamavam pelo meu nome de registro, alegando que era esse o nome que estava registrado no sistema e que não me chamariam de outra forma. Com isso os colegas também me desrespeitavam e, inclusive, me agrediam fisicamente e verbalmente. Por esses motivos eu não tenho mais vontade de estudar”.*

Diretor: *“Realmente me parece bastante difícil permanecer num ambiente desses. E como você fez pra trabalhar? Sempre teve negócio próprio”?*

Luís: *“Não. Assim que saí da faculdade eu fui procurar emprego. Forjei alguns documentos e fui para São Paulo tentar a vida lá! Fiz um currículo com o meu nome social, menti algumas experiências e um chef de São Paulo o pegou. Pediu para eu fazer um teste na cozinha e pronto, no dia seguinte eu estava trabalhando”.*

Diretor: *“Era um trabalho formal? Como você fez com a sua Carteira de Trabalho”?*

Luís: *“Então. Quando eu percebia que as pessoas iam descobrir que meus documentos eram falsos, eu dava um jeito de sair do emprego e partia em busca de outro. Trabalhei em grandes cozinhas de São Paulo. Os chefs de lá são todos muito grossos. Não concordo com a maneira que eles tratam os seus funcionários. Por isso vim pra Florianópolis e abri o meu próprio restaurante”.*

Diretor: *“Que bacana Luís. Que desafio bom”.*

Luís: *“Um desafio mesmo. Que só pode começar por conta do meu próprio trabalho. Me esforcei e ainda me esforço muito para manter esse restaurante. Eu e meu sócio, que é meu primo! Hoje temos três funcionários e os trato como eu gostaria de ser tratado. Com muito respeito e desenvolvimento profissional”.*

Diretor: *“E como foi para você se assumir transexual”?*

Luís: *“Eu sempre fui homem. Nunca me senti outra coisa que não homem. Minha mãe é que não aceita essa situação. Eu me preocupo muito com ela, sabe? Até a ajudo financeiramente quando ela precisa. Mas ela me ignora e não conversa comigo”.*

Luis levantou e mostrou uma foto que ele guarda de quando ele era criança. Tinha por volta dos seus cinco ou seis anos.

Diretor: *“Esse é você”?*

Luís: *“Sim. Já parecia, né”?*

Luís mostrou outra foto, agora da sua adolescência.

Diretor: *“Não possui nenhum traço feminino”.*

Luís mostrou, então, mais uma foto, agora com a sua cabeça raspada.

- *“Minha terapeuta me orientou a raspar o cabelo para eu me sentir mais masculinizado. Sério. Eu brigo muito com ela (riu). Eu cheguei no consultório dela muito revoltado. Brigava com ela em todas as sessões. Ela até me expulsou uma vez do consultório dela. Mas eu percebi que ela realmente poderia me ajudar e sempre voltava. Ela é diferente de outras pelas quais eu passei. Ela realmente é boa”!*

Diretor: *“Que bom que você encontrou uma boa terapeuta. Isso faz toda a diferença”.*

Luís: *“Sim. Mas eu briguei muito com ela porque ela me fez raspar o cabelo. Ela me fez perder uma das coisas que eu mais gostava em mim, que era o meu cabelo. Chorei muito, mas depois eu percebi que foi realmente importante para a minha identificação”.*

Luís mostrou outra foto em que ele já havia feito uma cirurgia para a retirada das mamas.

Diretor: *“Nossa. Não tem cicatriz nenhuma”.*

Luís: *“Eu tive uma iniciativa desesperada. Escreveu em uma rede social que tinha pouco mais de quatro mil reais na conta bancária e gostaria de fazer a cirurgia e que, se não aparecesse nenhum médico disposto a realizar o procedimento, eu faria sozinho em*

casa. Um médico de São Paulo, famoso por fazer esse tipo de cirurgia para transexuais, ficou sabendo do caso e se mobilizou, oferecendo-se para realizar a cirurgia. Não tenho nenhuma cicatriz porque esse médico é realmente muito bom”.

Diretor: *“Quando se está em boas mãos, tudo fica melhor”.*

Luís: *“É isso”!*

Diretor: *“Bem Luís, nosso tempo está se esgotando. Muito obrigado, mais uma vez, por você ter vindo. Nos vemos na próxima semana”?*

Luís: *“Nos vemos sim. Inclusive eu tenho vários amigos na ADEH que eu quero te apresentar. Quem sabe eles topam de fazer este trabalho”?*

Diretor: *“Eu agradeço muito se você puder me ajudar. Mas eu gostaria de que você me dissesse uma palavra para representar o nosso encontro de hoje”.*

Luís: *“Curiosidade”.*

A sessão se encerrou às vinte horas.

7.1.3. Descrição do terceiro encontro

No final de semana que se passou, o diretor participou de uma Conferência para tratar de políticas públicas para pessoas LGBT e encontrou com o Luís por lá, coincidentemente. Luís disse-lhe que todas as pessoas da ADEH estavam ali e os apresentou ao diretor, combinando com todos que os encontros seriam na própria ADEH, já que ficava mais fácil para todos os participantes.

O diretor chegou no novo local por volta das dezessete e quarenta e cinco da tarde, pois havia sido cominado que a sessão começaria às dezoito horas. Junto com o diretor chegaram duas representantes da Associação dos Surdos da Grande Florianópolis para uma reunião com um representante da ADEH, que durou até às dezoito e dez.

Uma das participantes do grupo, Fernanda, foi para uma sala reservada com o rapaz que estava em reunião, saindo às dezoito e vinte e cinco, atrasando um pouco o início da sessão.

No grupo estavam presentes quatro participantes: Luís (FTM), Fernanda (MTF), Karin (MTF) e Ketlin (MTF), que disse que participaria apenas nessa data e teria de sair na metade da sessão para poder fazer o seu trabalho de campo.

O diretor, então, iniciou o grupo:

Aquecimento

- *“Boa noite a todos. Gostaria de agradecer a presença de vocês aqui hoje. Este é um grupo de psicoterapia que está sendo montado para a realização do meu trabalho de conclusão de curso para a formação de Psicodramatista de nível um. Em princípio, faremos sete encontros, contando com este de hoje, e, minha intenção, é trabalhar com o assunto da identidade trans e como o Psicodrama e as suas técnicas podem auxiliar no desenvolvimento e na apropriação da identidade trans”.*

Todos ficaram curiosos e animados ao mesmo tempo.

Diretor: *“É importante lembrarmos que tudo o que acontecer aqui no grupo deve permanecer e ser tratado dentro do grupo para mantermos o sigilo e as identidades preservadas, ok? Vocês receberão um documento que se chama Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual constam todas as informações desse trabalho e vocês deverão assinar aceitando participar dele. Vale dizer que a desistência da participação do grupo, por qualquer motivo, poderá ser feita a qualquer momento se nenhuma penalidade, ok”?*

Quando o diretor comentou sobre manter as identidades em sigilo, Karin disse que não tinha problema nenhum em abrir a sua identidade, pois se fosse participar de um trabalho, gostaria de que sua identidade fosse aberta para que todos pudessem ver a sua participação. Disse que se fosse mantida em sigilo, sua participação seria “em vão”. Ketlin interveio e disse que isso era necessário para o bom andamento de todo o trabalho, mesmo porque, depois de alguns anos que esse trabalho fosse concluído, ela (Karin) poderia não mais se reconhecer no que foi dito hoje, podendo se sentir lesada por alguma utilização desatualizada das informações no futuro.

Karin: *“Não tem problema nenhum, pois mudar de opinião, para mim, é sinal de maturidade, pois nada impede que eu possa mudar de opinião sobre o que eu falei no passado ou do que eu deixei de falar”.*

Diretor: *“De qualquer forma, vou precisar que todos assinem este documento para que eu anexe ao trabalho com o aceite de vocês”.*

Karin: *“Mas eu vou assinar com o meu nome social, pois já basta eu ter que passar por constrangimentos no meu dia a dia, não quero ter que passar por constrangimento num trabalho que fale de mim mesma”.*

Diretor: *“Tudo bem. Eu concordo com você. Só vou precisar que você coloque os números do RG e CPF reais, mas pode assinar com o seu nome social”.*

Interrompendo o assunto, Fernanda perguntou para o diretor:

- *“Por qual motivo você escolheu fazer o seu trabalho com transexuais”?*

O diretor contou, então, a sua trajetória acadêmica dizendo:

- *“No início da minha graduação me senti provocado por uma professora que, durante a sua aula sobre sexualidade, me apresentou um livro chamado Os onze sexos e toda a minha turma teria que apresentar um dos capítulos do livro e, para o meu grupo, o capítulo foi sobre a transexualidade. Logo depois disso, começamos os estudos para o nosso projeto e artigo para a conclusão da Graduação e a minha orientadora do trabalho de conclusão de curso foi a mesma professora dessa matéria e o tema escolhido foi a Homossexualidade na terceira idade. Talvez por causa da minha própria orientação sexual, não gostaria de fugir no tema da Diversidade. E já vou contar como eu cheguei no tema de agora. Tive um dia para decidir realmente sobre o que eu gostaria de escrever. Minha professora me chamou em sua sala e disse que eu teria até o dia seguinte daquela noite para decidir. Marcou um almoço e teria que ser nesse almoço a minha resposta. No dia seguinte a essa provocação, fui almoçar com a coordenadora do curso de psicodrama e disse que não gostaria de fugir do tema da diversidade e que a transexualidade seria um possível tema, já que é uma comunidade com pouquíssima produção de material a respeito e que ainda sofre muitos preconceitos. Logo que falei isso, a coordenadora levantou da mesa em que estávamos almoçando e me apresentou um rapaz transexual dizendo: esse é o*

Luís e ele poderá te ajudar no seu trabalho. Pronto. O tema estava escolhido conforme a minha vontade e uma ajudinha do cosmos, como dizia Moreno. Acreditam”?

Fernanda, bastante empolgada: *“Tá, como é que a gente começa”?*

Dramatização

Como todas as pessoas se conheciam bem, o diretor iniciou a dramatização:

- *“Bem, vocês todos se conhecem, certo? Então preciso eu conhece-los. Gostaria que vocês se apresentassem para mim em um formato de telejornal, com uma pessoa apresentando a outras e depois trocamos. Pode ser”?*

Ketlin logo incorporou uma apresentadora de programa e começou a dramatização:

- *“Boa noite senhores telespectadores. Estamos aqui no programa Saia Comprida para conhecer ela, que já é muito conhecida pela sua militância às causas LGBT e principalmente pela militância às causas das pessoas transexuais. Ela, que é linda e inteligentíssima. Ela, a nossa Fernanda!! Fernanda, conte-nos sobre os seus segredos mais íntimos. O que você mais gosta na cama?”*

Nesse momento foi uma gargalhada geral na sala, pois ninguém estava esperando que a “entrevista” seria com esse tema.

Fernanda ficou meio sem saber o que responder, gaguejou: *“Ai... Eu... Eu... Eu não sei o que dizer”*

Ketlin, apontando para uma parede que ficava à esquerda de Fernanda: *“Olhe ali para a câmera e diga para o Brasil: do que você gosta?”*

Fernanda: *“Mas preciso ficar olhando para a parede mesmo”?*

Diretor: *“pode olhar aqui para mim e finja que eu sou a câmera”.*

Fernanda: *“Para você eu não consigo olhar porque me dá tesão”.(risos)*

Ketlin: *“Gente, vamos fazer o negócio sério aqui para ajudar no trabalho do Bruno”.*

Fernanda, gritando e rindo: *“Eu gosto de homem. De pinto. Gosto de homem”*.

Ketlin: *“Obrigada pela entrevista Fernanda. Volte mais vezes no nosso programa, tá?”*

Fernanda: *“Eu é que agradeço pelo convite”*.

Ketlin, para Karin: *“E a senhora, quem é a senhora?”*

Karin: *“Eu também gosto de homem. Afinal, sou uma mulher hetero. Gosto de meninos. Inclusive acho os meninos trans uma graça. Se o Luís me desse bola eu já namoraria com ele.”*

Luís começou a rir e enrubesceu.

Karin: *“Vergonha tem, né? Por que você não quer namorar comigo?”*

Essa descontração desaqueceu Ketlin que disse:

- *“Ai gente, não consigo mais seguir. Perdi a linha de raciocínio”*.

Sendo assim, o diretor retomou o que tinha sido dito no início do encontro:

- *“Karin, o que você entende sobre identidade?”*

Karin: *“Identidade é um documento, que é uma coisa imposta pela sociedade quando nascemos e que temos que carregar para toda a vida”!*

Diretor: *“E o que você entende por identidade de gênero?”*

Karin: *“Olha, eu não tenho nenhum problema de apresentar o meu documento de identidade em lugar nenhum. Todo mundo me conhece por Karin e não é o documento que vai mudar isso. Meu visual é feminino. Uso roupas femininas. Tenho seios. Sou a Karin”*.

Todos os outros discordaram de Karin.

Luís, um pouco irritado: *“Karin, você se incomoda sim. É impossível não se incomodar de ser chamada por um nome que você não se reconhece”*.

Karin: *“Em todos os lugares que eu frequenta me chamam por Karin”.*

Ketlin, levantando: *“Sr. João, o que o sr. quer daqui?”*

Karin: *“Isso nunca me aconteceu”.*

Ketlin: *“Mas então pode ser assim. Senhora João, o que a senhora quer? Isso realmente não te incomoda?”*

Karin: *“Claro que dessa forma me incomoda. Não me chamo assim. Meu nome é Karin”.*

Fernanda: *“É claro que incomoda. Levamos uma vida inteira para sermos reconhecidas como somos. Não queremos que nos chamem de outra coisa”.*

K.V. pediu licença para sair, se desculpando, pois tinha um compromisso e precisava se ausentar. Todos consentiram a saída.

Ketlin logo virou para mim e disse que nunca teve problema em casa por causa da sua transexualidade. Se despediu do grupo, desejando bom trabalho a todos.

Fernanda: *“Quando eu era criança eu sofri muito com a transexualidade, pois até ter dezoito anos e poder fazer o que achava melhor com o meu próprio corpo, levava uma vida como homossexual. Por volta dos treze anos tive um namorado e eu fui dormir na casa dele. Minha mãe descobriu e não queria aceitar essa situação e queria me expulsar de casa. Só não saí de casa porque meu pai não deixou, dizendo que se essa era a vida que eu queria, ele aceitava. Minha mãe teve de digerir a ideia. Quando completei dezoito anos, decidi fazer as mudanças para adequar o meu corpo. Disse para minha mãe qual era o meu nome escolhido e minha mãe não conseguia me chamar pelo nome atual e nem pelo nome de registro. Então combinamos um outro nome para eu ser chamada dentro de casa”.*

Fernanda não abriu o apelido que encontraram.

Fernanda: *“Hoje minha mãe é minha melhor amiga e sabe tudo o que acontece comigo, inclusive que sou profissional do sexo”.*

Luís: “Eu e minha mãe não nos damos nada bem. Sempre fui excluído em tudo na família”.

Fernanda: “Isso pode ser por causa da sua própria postura Luís. Você nunca conversou com a sua mãe e provavelmente nunca vão se acertar por causa disso”.

Karin tomou a voz e disse: “Minha mãe nunca me discriminou pelo o que eu sou. Por ser mulher, mesmo tendo nascido homem, e por se prostituir. Minha mãe privilegia o meu sobrinho e minhas irmãs, que fazem o que querem com a minha mãe. Os melhores presentes sempre foram pras irmãs, desde que todas éramos pequenas. Pra mim sempre sobrava os presentes piores. Hoje um dos meus sobrinhos trata mal a minha mãe e ela não fala nada. Uma das sobrinhas gastou muito dinheiro no cartão de crédito da minha mãe e ela não fala nada. Apenas reclama para mim de tudo o que está acontecendo. Sou meio que o penico da minha mãe, sabe? Ela está sempre reclamando para mim, mas não toma nenhuma atitude nunca”.

Luís: “Para a minha mãe eu dou tudo. Pago as suas contas, inclusive. Mas minha mãe nunca conta nada para mim. Sempre me deixa de lado. Meu primo disse que a minha mãe está organizando uma viagem com o meu padrasto e todos da família sabiam, menos eu. Ela não sabe dar carinho. Fui criado por neonazistas e sofri muito quando criança. Minha mãe procurou o homem mais bonito que ela encontrou para ter um filho e me teve. Quando foi contar ao meu pai, alguns anos depois, da gravidez, disse que o meu pai falou que se não fosse um menino ele nem queria saber. E eu, de fato, não era. Acabei indo morar com o pai do meu pai, que foi do exército nazista e era extremamente rígido. Eu era frequentemente humilhado. Na escola eu me recusava a entrar no banheiro que tinha a foto da Mônica na porta e entrava no banheiro em que tinha a foto do Cebolinha na porta! A professora brigou com me dizendo que não poderia entrar naquele banheiro, pois o certo era o banheiro das meninas, da Mônica, e chamou os meus responsáveis na escola para comentar o ocorrido. Apanhei tanto da família toda em casa por conta disso”.

Fernanda: “Credo Luís”.

Luís: “Só saí da casa desse avô porque fui resgatado pelo meu avô materno. A cachorra do meu avô paterno deu cria (ele tinha dois dobermanns) e as crias nasceram

com raças misturadas, pois a cachorra teria “pulado a cerca”. Com o discurso de que as raças devem ser puras, que não se deve misturar raça alguma, meu avô me entregou um revólver e me pediu matar todos os filhotes. E eu matei todos, como o meu avô me pediu”.

Fernanda: *“Ai... Credo”.*

Luís: *“Pois é. Com esse episódio, meu avô materno resolveu me tirar de lá. Foi aí que começou a convivência com a minha mãe. Ela nunca me integrou em nenhuma festa de família e eu sempre ficava de lado. Estou com 31 anos de idade e, em toda a minha vida, nunca recebi um parabéns da minha mãe. Isso dói muito”.*

Diretor: *“Luís, escolha alguém aqui para ser a sua mãe”.*

Luís: *“A Fernanda”.*

Fernanda (no papel de mãe): *“Luís, o que você quer de mim?”*

Diretor: *“Fernanda, você precisa saber alguma coisa sobre a mãe de Luís para poder representa-la”?*

Fernanda: *“Não preciso. Luís o que você quer que eu faça? O que você quer de mim”?*

Luís: *“Você nunca olhou para mim. Sempre fingiu que eu não existo”.*

Fernanda (no papel de mãe): *“Estou olhando para você agora. Nos seus olhos. O que você quer de mim?”*

Luís: *“É muito complicado isso”.*

Fernanda (no papel de mãe): *“Tá vendo? Você que não olha nos olhos. Não conversa”.*

Luís: *“Não é bem assim Fernanda”.*

Fernanda: *“Ainda estou sendo sua mãe”*.

Luís começa a chorar.

Diretor: *“Luís, sua mãe está aqui. Não é ela na realidade, mas é como se fosse. Aqui você pode falar o que você quiser para ela”*.

Luís: *“Eu só queria um parabéns no meu aniversário”*.

Diretor para Fernanda (no papel de mãe): *“Mãe, hoje é o aniversário de Luís. O que você tem a dizer para ele”?*

Fernanda abraçou Luís e disse, de maneira seca: *“Parabéns meu filho”*.

Luís começou a chorar novamente e manteve o abraço por cerca de um minuto.

Fernanda também estava chorando.

Diretor: *“Luís, você tem mais alguma coisa que gostaria de falar para a sua mãe”?*

Luís: *“Não. Hoje é só isso o que eu queria”*.

Diretor: *“Então Fernanda, pode se despedir da mãe do Luís e voltar a ser você mesma”*.

Fernanda: *“Pronto, ela já foi embora”*.

Compartilhamento

Diretor: *“Como foi essa experiência para vocês”?*

Fernanda: *“Eu acho que as vezes falta as pessoas falarem o que realmente querem para os seus pais. Talvez Luís devesse falar isso para a sua mãe”*.

Luís ainda estava chorando.

Diretor: *“Luís, o que você quer do grupo nesse momento”?*

Luís não conseguiu responder.

Karin: *“Acho que ele está muito carente”*.

Diretor: *“O que podemos fazer quando uma pessoa está carente?”*

Todos se abraçaram.

Diretor: *“Meninas, o que vocês podem compartilhar dessa sessão com o Luís. O que vocês sentiram?”*

Karin: *“Eu nunca me senti excluída pela minha família, mas entendo todo o seu sofrimento, amigo”*.

Fernanda: *“Eu sempre conversei com a minha mãe sobre o que estava sentindo e fazia ela entender esses sentimentos, o que fez com que nos tornássemos grandes amigas, como eu disse antes”*.

Diretor: *“Luís, gostaria de falar mais alguma coisa?”*

Luís: *“Não...”*

Diretor: *“Então, para encerrarmos esse encontro, gostaríamos que vocês dissessem uma palavra que represente o que vocês sentiram”*.

Karin: *“Reflexão”*

Fernanda: *“Leveza”*

Luís: *“Reflexão”*

Diretor: *“Estão todos bem?”*

Fernanda e Karin: *“Estamos”*.

Diretor: *“Luís, você está bem?”*

Luís: *“Sim. Estou acostumado com essas coisas. Estou me sentindo melhor em poder dividir o que estava sentindo”*.

Diretor: *“Que bom. Nos vemos na próxima semana. Boa semana a todos”*.

7.1.4. Descrição do quarto encontro

A sessão do grupo começou às dezenove horas, pois estava acontecendo o “Café da ADEH”, com cerca de vinte pessoas, e estavam todos ocupados e entretidos com o evento.

Estavam presentes Luiz, Karin, Cristiano e Fernanda, que são os participantes que frequentarão o grupo sempre, mais Anderson, Shirlei e Morena.

Como o grupo estava com novos integrantes, o diretor pediu para que todos se apresentassem para que todos se incluíssem no grupo.

Aquecimento

Diretor: *“Gostaria que vocês se apresentassem a partir de um objeto pessoal de vocês”*.

Shirlei: *“Ah não! Vamos fazer uma apresentação normal mesmo”*.

Fernanda: *“É... Normal que vai mais rápido”*.

Diretor: *“Ok. Todos concordam de ser uma apresentação verbal”?*

Todos concordaram.

Fernanda começou a se apresentar: *“Meu nome é Fernanda, tenho trinta e dois anos, solteira e disponível (risadas). Sou secretária executiva aqui na ADEH e trabalho como profissional do sexo à noite”*.

Morena, timidamente: *“Me chamo Morena, tenho trinta e cinco anos, sou travesti e trabalho em uma empresa como Serviços Gerais. Adoro o meu trabalho e lá todos me adoram. Limpo tudo bem direitinho, bem limpinho. Até ensino as outras meninas, porque meus patrões adoram o meu trabalho. Acho que é isso. Depois eu falo mais”*.

Shirlei: *“Meu nome é Shirlei, tenho vinte e quatro anos e sou casada com o Anderson há 10 meses. Trabalho nas ruas também e estou muito feliz em estar casada”*.

Anderson emendou: *“Sou o Anderson, marido da Shirlei, tenho trinta e dois anos, trabalho normalmente como frentista, mas estou desempregado. Pretendo ter um filho biológico com a Shirlei para montarmos a nossa família. Faz oito meses que comecei o meu processo de hormonização e estou muito feliz por ter me encontrado no mundo”*.

Luiz: *“Sou o Luiz, tenho trinta e dois anos, solteiro e empreendedor. Sou formado em Gastronomia, turismo e hotelaria e possuo um restaurante”*.

Karin: *“Bem... Aqui todos já me conhecem, mas sou a Karin, trabalho como profissional do sexo, tenho quarenta e cinco anos e sou a mãe do Anderson e sogra da Shirlei (risos). Sou casada há vinte e um anos e todos lá no meu bairro tiram sarro do meu marido por ser casado com uma trans”*.

Cristiano: *“Meu nome é Cristiano, tenho quarenta e quatro anos, sou formado em Gestão Ambiental e curso Pós-Graduação em Transformação de Conflitos e Estudo de Paz e quero trabalhar como mediador de conflitos”*.

Diretor: *“Muito obrigado pela apresentação de vocês. Foi rápido mesmo”*.

Shirlei: *“Mas você vai fazer o que aqui? Muitas pessoas vêm e pedem para a gente contar as nossas histórias e depois elas vão embora e nunca mais as vemos e nem sabemos o que fizeram com o que falamos”*.

Dramatização

Diretor: *“Durante as sessões vocês me contarão a história de vocês de uma forma diferente. Levantem-se, por gentileza, e andem pela sala. Pensem em como foi a sua trajetória de vida desde a infância até hoje. Quais foram os momentos mais felizes. Quais foram os momentos mais tristes. Pensem em uma imagem, uma estátua, que simbolize essa sua trajetória. Assim que encontrar a imagem, pode voltar ao seu lugar e esperar as outras pessoas encontrarem as suas imagens”*.

Shirlei foi a primeira a voltar ao lugar e sentou-se no sofá. Anderson veio logo atrás, seguido de Karin, Luiz, Fernanda, Morena e Cristiano.

Diretor: “Quem quiser começar, pode se levantar e fazer a imagem que pensou”.

Todos começaram a falar ao mesmo tempo quais eram as suas imagens.

Diretor: “Peço que se levantem, um por um, e façam as suas imagens para que todos possam ver. Sem falar o que é”.

Shirlei, relutando um pouco, levantou-se e fez uma imagem em pé, como se fosse uma pessoa forte, fingindo ter algo nas mãos.

Diretor: “Não fale qual é a sua imagem, ok? Vocês conseguem adivinhar o que é”?

Entraram em um clima de brincadeira e foram soltando palavras “*Halterofilista*”, “*Ditadora*”, “*Dilma*”... Começaram e rir.

Shirlei disse: “*Nãoooo... É uma Guerreira. É assim que me sinto. Uma Guerreira*”.

Todos se silenciaram imediatamente.

Anderson levantou-se em seguida e fez a sua imagem, como se estivesse segurando um arco e uma flecha.

Fernanda: “*Um Índio*”.

Anderson: “*Um guerreiro indígena*”.

O tom de brincadeira voltou, mas com um tom para a descontração, pois estavam muito sérios.

Karin: “*Aahh... Tinha que ser guerreiro para a esposa não brigar*”.

Fernanda: “*Índio é a sua cara*”.

Diretor: “Quem é o próximo? Morena, você pode fazer a sua imagem”?

Morena se levantou e sambou um pouquinho.

Morena: *“Minha imagem era de uma sambista. Porque eu sou feliz com a minha vida”.*

Karin também se levantou e fez uma imagem com as mãos dispostas para cima, próximas do pescoço, e disse: *“Sou a Carmem Miranda, porque também me sinto uma pessoa feliz, apesar das dificuldades”.*

Luiz fez uma imagem de cócoras, como se estivesse segurando uma metralhadora nas mãos.

Diretor: *“Vocês conseguem adivinhar o que é”?*

Disseram: *“bandido”, “ladrão”, “marginal”.*

Luís: *“É um soldado de guerra, pois a minha vida parece uma guerra desde que se entendia por gente. São brigas constantes em família. Tios e primos o xingavam e batiam em mim sempre que podiam”.*

Cristiano disse que não conseguiu pensar em nenhuma imagem e pediu para pular a vez dele para tentar pensar.

Fernanda fez uma imagem de braços abertos, como se tivesse asas.

Diretor: *“E essa, vocês sabem o que significa”?*

Falaram: *“avião”, “anjo”, “pássaro”.*

Fernanda: *“Isso... é um pássaro.. Uma fênix, porque eu renasci. Sinto que renasci... Era um menino que pensava que era gay, mas ainda não se achava. Até que vi uma trans e percebi que eu era aquilo. Que ela me representava. Então pensei: renasci. Sou isso aí”.*

Diretor para Cristiano: *“Conseguiu pensar em alguma imagem”?*

Cristiano: *“É um pouco de cada uma dessas. Me identifiquei com todas”.*

Diretor: *“Então se levante e convide a todos para fazer uma única imagem que te represente e que represente a todos”.*

Todos levantaram e fizeram as suas imagens novamente e Cristiano foi montando, aproveitando as imagens. Colocou Shirlei no meio da sala, como a Guerreira; O Anderson ao seu lado, “apontando” sua flecha para o lado; o Luiz abaixado, como a sua imagem do soldado, aos pés dos dois; Morena ficou atrás dos três. Karin ao lado de Morena e Fernanda na frente de todos.

Diretor: *“E você está onde nessa imagem”?*

Cristiano se colocou na imagem com os braços abertos e curvados, como se estivesse abraçando toda a imagem.

O diretor, então, solicitou que cada um saísse da sua posição, assumindo a posição do diretor, para que pudessem olhar a imagem como estava. Um a um, eles foram saindo, olhando. O diretor foi assumindo os seus lugares e, depois de olharem, eles voltavam aos seus lugares na imagem. O Cristiano foi o último.

Cristiano: *“É isso mesmo. É essa a imagem”.*

Diretor: *“Algum de vocês gostaria de mexer nessa imagem”?*

Ninguém quis mexer.

Fernanda: *“Assim está bom. Representa o grupo como grupo e as pessoas na sua individualidade”.*

Diretor: *“Então podem desfazer a imagem e me contem como foi para cada um de vocês participar dessa atividade. O que vocês sentiram fazendo parte da imagem e quando estavam fora dela”?*

Compartilhamento

Morena: *“Me senti bem. Sou muito feliz. Me sinto amada e respeitada pelas pessoas. Meus patrões me respeitam e me têm como referência no serviço”.*

Diretor para Morena: *“E como foi para você participar da imagem do grupo”?*

Morena: *“Me senti acolhida, como me sento na vida mesmo”*.

Luis, ainda um pouco emocionado: *“Senti que estava em uma família. Fortalecido como os guerreiros e pronto para a guerra”*.

Karin: *“Achou legal e me senti bem”*.

Cristiano: *“Me senti acolhido também. A imagem me representou bem. Tanto como grupo quanto individualmente”*.

Fernanda: *“É bem assim que me sento na vida. A vida é cheia de batalhas que precisamos passar e conflitos que precisamos superar, renascendo quase que todos os dias, pois a vida é uma batalha. Ir ao banheiro é uma batalha. Ir no mercado é uma batalha. Arrumar um emprego é uma batalha. Todos os dias lutamos e renascemos”*.

Diretor: *“Para encerrarmos, o que vocês podem compartilhar com o grupo? O que sentiram durante a sessão”?*

Fernanda: *“De início me senti confusa, porque você pediu para andarmos na sala e pensarmos, mas que no decorrer das atividades fui acostumando”*.

Luís: *“É isso mesmo o que eu passo na vida. Concordando com o que a Fernanda disse anteriormente”*.

Karin: *“Gostei”*.

Diretor: *“Mais alguém quer compartilhar alguma coisa”?*

Ninguém quis compartilhar.

Diretor: *“Então gostaria de uma palavra de cada um sobre o encontro de hoje”*.

Fernanda: *“Reflexão”*

Morena: “*Feliz*”

Karin: “*Feliz*”

Luiz: “*Emoção*”

Cristiano: “*Reflexão*”

Anderson: “*Batalha*”

Shirlei: “*Guerreira*”

7.1.5. Descrição do quinto encontro

Começamos a sessão às dezenove horas. Estavam presentes Karin, Fernanda e Cristiano.

Aquecimento

Diretor: “*Boa noite. Vamos iniciar a nossa sessão? Levantem e andem um pouco por esse espaço e pensem nas suas vidas e nas imagens que fizeram na semana anterior. Pensem em um sentimento e, quando encontrarem o sentimento, voltem aos seus lugares*”.

O diretor disponibilizou, algumas almofadinhas com sentimentos.

Diretor: “*Pensando no sentimento que vocês elencaram, escolham uma ou duas almofadinhas dessas que representem esses sentimentos. Caso o seu colega pegue a que você queria, não tem problema. Depois vocês falam*”.

Fernanda escolheu três: Coragem, orgulho e confiança.

Cristiano escolheu Tristeza e Paz.

Karin escolheu Medo e Ciúmes.

Diretor: “*Vocês podem contar um pouco do porque escolheram esses sentimentos*”?

Fernanda: *“Escolhi coragem por conta da conversa que tive com a minha mãe para ela me aceitar como eu sou e Orgulho por me amar do jeito que sou e Confiança para enfrentar o mundo”*.

Cristiano: *“Escolhi tristeza porque quando eu era jovem eu era muito triste. Tinha muitos sentimentos até descobrir que era transexual. Tristeza, raiva, medo... E paz, simbolizando o meu estado atual, depois da descoberta”*.

Karin: *“Escolhi o Medo porque tenho medo de perder as pessoas que eu gosto e ciúme, pois, por ter medo, acabo ficando insegura e posso colocar tudo a perder”*.

Diretor para Karin: *“Você gostaria de falar sobre esse assunto”?*

Karin: *“Não...”*

Diretor: *“Então escolham uma história, que não seja a sua, que vocês gostariam de ouvir hoje”*.

Fernanda e Karin disseram que queriam ouvir um pouco do Cristiano, para conhecer um pouco da história dele.

Diretor: *“Cristiano, você aceita ser o nosso protagonista de hoje”?*

Cristiano, um pouco envergonhado: *“Aceito”*.

Dramatização

Diretor: *“Então conte um pouquinho da sua história para nós”*.

Cristiano: *“Então... Iniciei a minha hormonioterapia há três anos e, até então, não conseguia encontrar o meu “lugar” no mundo”*.

Fernanda: *“Comigo foi assim também. Me reconheci apenas quando encontrei a Lídia, uma mulher transexual”*.

Cristiano: *“Na minha cidade não tinha uma pessoa em quem eu pudesse me espelhar e tomar como exemplo na vida”, Continuou. “Fui casado com uma mulher por um bom tempo, ainda quando me apresentava como mulher para a sociedade, mas quando resolvi fazer a hormonioterapia a minha namorada não quis continuar o relacionamento, pois não era o que ela gostava. Sofri muito com essa decisão, porque eu gostava da minha namorada, mas que entendi que ela é lésbica e não gosta de homens. Hoje somos grandes amigos”.*

Fernanda: *“É aquela que veio aqui na ADEH com você uma vez”?*

Cristiano: *“Sim. Ela me acompanhou”.*

Fernanda: *“A tá. Eu lembro”.*

Cristiano: *“Nunca tive o apoio da minha família. Eles nunca me entenderam. Nem eu mesmo me entendia. Passei quarenta e um anos da minha vida assim. Quando cheguei na ADEH, também fui discriminado, pois as outras pessoas diziam que eu era uma lésbica caminhoneira, não um menino trans. Isso até me afastou um pouco da instituição por um tempo”.*

Fernanda: *“Eu também já tive problemas de relacionamento. Eu estava namorando com um cliente de programa e ele um dia surtou e ficou questionando se era isso o que eu queria para a minha vida. Eu disse para ele que a gente se conheceu assim e que eu continuaria até quando eu sentisse necessidade de continuar. Ele não gostou e nós terminamos. Eu gostava muito dele na época, mas por ele não me aceitar, eu não queria mais saber desse relacionamento”.*

Karin também entrou no assunto (estava apenas observando): *“Sou casada há vinte e um anos, mas há três anos não tenho relações sexuais com meu marido. Ops. Eu não acho mais que ele seja meu marido. Ele é meu amigo. Já disse isso pra ele, mas ele não aceita. Nós não somos mais um casal. Somos amigos”.*

Luis chegou no meio da sessão, pedindo desculpas pelo atraso.

Diretor: *“Cristiano, como é se sentir em paz, depois de tanto tempo na tristeza”?*

Cristiano: *“É muito bom, porque agora eu sei quem eu sou”*

Diretor para Cristiano: *“E você está em paz amorosamente também”?*

Cristiano: *“Me sinto carente, mas não estou buscando nenhum relacionamento no momento. Ainda não conheci ninguém interessante”.*

Luis emendou: *“Sabe Bruno, as pessoas se relacionam conosco apenas escondidas. É difícil acharmos uma mulher que realmente nos assuma. Nos apresentem para as pessoas como namorados. Querem sexo conosco, mas que ninguém fique sabendo”.*

Fernanda: *“Sim... Somos vistos como objetos para satisfazer o desejo dos outros”.*

Karin: *“É... Eu sou profissional do sexo. No meu trabalho eu sei que é isso. Eu faço o programa. O cara goza e deu. Me paga e vamos embora. Mas quando o relacionamento é afetivo, fora dos programas, eu gosto de ser bem tratada. Gosto de carinho, de elogios... Meu marido não me elogia mais. Faz tempo. Posso colocar a roupa que for, que ele não fala nada. Não sente mais tesão em mim. E nem eu nele. Quero alguém que goste de mim. Até estou conhecendo um menino e está ficando legal....”*

Compartilhamento

Diretor: *“Como nosso tempo está acabando, peço que pensem em sentimentos novamente, como no início da sessão”.*

Cristiano: *“Medo de ficar sozinho”*

Fernanda: *“Confiança, porque sei que sou uma pessoa bacana e nem quero mais ninguém”.*

Karin: *“Esperança de encontrar alguém legal”*

Luís disse que não conseguiu pensar em nenhum sentimento.

7.1.6. Descrição do sexto encontro

Começamos a sessão às dezoito e quarenta. Estavam presentes Karin, Fernanda, Cristiano e Luís.

Diretor: *“O que vocês gostariam de trabalhar hoje”?*

Todos falaram que não sabiam o que trabalhar, pois estavam cansados.

Aquecimento

Diretor: *“O que vocês pensam do futuro de vocês”?*

Luís: *“Não penso no futuro. Vivo a vida um dia de cada vez e não gosto de pensar no futuro. Só quero ser dono de vários negócios, porque quero ser um empreendedor”.*

Karin: *“Eu também não planejo. Já planejei muito na vida e tudo deu errado, então não gosto de pensar no futuro”.*

Cristiano: *“Pensa no futuro e planejo algumas coisas”.*

Fernanda: *“Pensa mais ou menos no futuro, mas ainda não sei muito bem o que quero para mim mesma”.*

Diretor: *“Cristiano, já que na sessão passada você foi o escolhido, mas acabamos por trabalhar o grupo todo, você aceita me contar o que você vê para o seu futuro”?*

Dramatização

Cristiano: *“Claro. Me vejo formado, trabalhando e com uma família”.*

Diretor: *“E como você fará para chegar lá”?*

Cristiano olhou para as pessoas, deu um sorriso e disse: *“Não sei direito também. Assim como a Fernanda”.*

Diretor: *“Então defina algumas etapas”.*

Cristiano: *“A primeira é o emprego, a segunda é a minha formação na Pós, a terceira é eu melhorar no emprego, a quarta vai ser conhecer alguém legal e a quinta será o meu casamento”*.

O diretor pega no braço de Cristiano e vai caminhando pela sala: *“Emprego. Você conseguiu um emprego. Como você se sente aqui, trabalhando”?*

Cristiano: *“Estou feliz. Eu consegui um emprego bacana que estou gostando. Estou me dedicando muito para que dê certo”*.

Diretor: *“E o que você espera desse emprego”?*

Cristiano: *“Espero que me ajude a realizar os meus outros sonhos e planejamentos”*.

O diretor deu mais um passo com Cristiano e disse: *“Pronto, então você se formou. Como você se sente”?*

Cristiano: *“Estou muito feliz. Trabalhei duro e estudei duro. Uma conquista. Estou muito feliz”*.

Diretor: *“E para onde vamos agora”?*

Cristiano, rindo, disse: *“Agora quero um aumentinho, já que me formei”*.

O diretor e o Cristiano deram mais um passo, como se o Cristiano tivesse ganhado o aumento.

Cristiano: *“Agora estou preparado para conhecer alguém. Agora sinto que posso sustentar uma família”*.

Diretor e Cristiano deram mais um passo e Cristiano disse, em tom de brincadeira: *“Agora só me falta casar”!*

Diretor: *“Estamos esperando pelo o que”?*

Ambos deram mais um passo.

Cristiano: *“Agora estou me sentindo completamente realizado”*.

Diretor: *“Olhe para trás e me diga se você mudaria alguma coisa”*.

Cristiano: *“Não mudaria nada. Tudo foi aprendido”*.

Compartilhamento

Diretor: *“Queridos, o que vocês podem compartilhar com o Cristiano”?*

Luís: *“Não consigo pensar muito no meu futuro, mas consigo pensar no meu futuro profissional”*.

Diretor para Luís: *“Mas então você pensa no futuro”?*

Luís: *“Não penso em mim, penso na minha profissão”*.

Diretor para Luís: *“Mas terá outra pessoa fazendo no seu lugar”?*

Luís, assustado e sem entender: *“Não! Como assim”?*

Diretor para Luís: *“Se não é o seu futuro profissional, é o futuro de quem”?*

Luís, rindo: *“Sou eu. Sou eu no meu futuro”*.

Karin: *“Penso sim no futuro, mas que não quero contar para as pessoas. Ninguém precisa saber dos meus planejamentos”*.

Fernanda continuou quieta.

Diretor: *“E como foi a sessão para vocês”?*

Fernanda: *“Foi bem bacana. Pensar no futuro é muito bom, mesmo sem planejar muito. Sonhar é sempre bom”*.

Karin: *“Achei legal. Diferente”*.

Cristiano: *“Gostei de ter feito o meu caminho para o futuro”*.

Luís: *“Eu gostei”*.

Diretor, brincando com Luís: *“Te encontro no seu futuro”?*

Luís: *“Sim”*.

7.1.7. Descrição do sétimo encontro

A sessão iniciou às dezoito e quinze e estavam todos muito agitados.

Estavam presentes Fernanda, Anderson, Karin e Luís.

Eles estavam agitados, pois o Anderson conseguiu mudar o seu nome judicialmente e estava mostrando a sua nova certidão de nascimento. Estava feliz porque poderia refazer todos os seus outros documentos, inclusive a sua carteira de trabalho, podendo buscar emprego sem passar por constrangimentos.

Aquecimento

Fernanda: *“Mas agora as suas responsabilidades também mudam, né Anderson? Agora você é um homem de papel passado e tudo e, quando você se meter em confusão com a polícia de novo, você não vai mais poder contar história e mostrar a sua situação para o delegado entender e liberá-lo. Agora você vai responder como qualquer outro homem. Precisando se cuidar para não ir para a prisão”*.

Luiz concordou, dizendo: *“É... Você sabe o que acontece se você cair na cadeia, né? Você sabe”!*

Anderson: *“Sei... Mas eu não me meto em confusão assim, a toa. Faço tratamento psicológico. Sei me controlar. Só saio do controle quando mexem com a minha mulher. Bruno, fui parar na delegacia porque teve uma batida policial numa festinha em que eu estava, na casa de algumas pessoas que vendem drogas perto da minha casa, e que a policia foi entrando na casa em que a gente estava, sem mandado nenhum, pedindo para o pessoal encostar na parede. Fiquei quieto no canto, até a minha mulher aparecer para defender o irmão, que estava na mesma festa, e o policial a empurrou. Aí subiu uma raiva*

enorme, sabe? Fui pra cima do policial. Fui rendido por dois e levado à delegacia, mas fui solto em seguida, porque minha mulher já estava na delegacia quando eu cheguei lá e contou ao delegado que os policiais disseram que eu seria desovado quando estavam saindo comigo no camburão”.

Diretor: *“Como é que vocês estão se sentindo com essa conquista do Anderson, já que agora ele possui o nome legalmente reconhecido correspondente à sua identidade de gênero”?*

Todos disseram que era muito legal e que estavam muito felizes.

Diretor: *“E por que vocês estão felizes”?*

Karin: *“Porque é legal você ser reconhecido pelo o que você é. Sem constrangimentos”.*

Dramatização

Diretor: *“Em que momentos você se constrange por não ser reconhecida”?*

Karin: *“Não é que eu fique constrangida, porque sempre foi assim e eu amo a minha irmã e não deixaria de frequentar a casa dela por causa disso, mas meu cunhado insiste em me chamar com o meu nome de registro, porque foi assim que ele me conheceu”.*

Diretor: *“E como você se sente com isso”?*

Karin: *“Um pouco desconfortável, mas adoro o meu cunhado. Ele sempre me convida para as festas na casa dele. Sempre me tratou muito bem. Mas não consegue me chamar pelo nome social porque ele me conheceu com outro nome”.*

Diretor: *“E você já fez alguma coisa para isso mudar”?*

Karin: *“Já briguei com ele dizendo que meu nome é Karin, Já me queixei para a minha irmã. Mas ele insiste em me chamar de outro nome, porque foi assim que ele me conheceu e não me chamaria por outro nome”.*

Diretor: *“Escolha uma pessoa para ser o seu cunhado”*.

Karin: *“O Luís”*.

Diretor: *“Descreva um pouco o seu cunhado para o Luís poder assumir o papel dele”*.

Karin o descreveu.

Diretor: *“O que o seu cunhado fala para você”?*

Karin: *“Eu te conheci por outro nome e é por esse nome que eu vou chamá-la”*.

Diretor para Luís: *“Luís, assuma o papel do cunhado e repita esta frase que a Karin acabou de dizer”*.

Luís (no papel de cunhado): *“Eu te conheci por outro nome e é por esse nome que eu vou te chamar”*.

Diretor para Karin: *“Como você poderia responder a isso”?*

Karin: *“Mas eu quero que você me respeite. Você precisa me respeitar”*.

Diretor: *“Karin, troque de lugar com o Luís”*. Continuou: *“Luís, repita essa última fala da Karin”*.

Luís (no papel de Karin): *“Você precisa me respeitar”*.

Diretor para Karin (no papel de cunhado): *“Cunhado, responda para a Karin”*.

Karin (no papel de cunhado): *“Eu te conheci com o seu nome de registro e é assim que eu vou te chamar”*.

Diretor para Luís: *“Luís, você aí com Karin, o que você poderia responder”?*

Luís (no papel de Karin): *“Então pode me esquecer. Me tire da sua vida. Se você não consegue me respeitar, você morreu pra mim”*.

Diretor: *“Karin, essa é uma resposta plausível”?*

Karin: *“Não. Eu jamais faria isso. Gosto muito dele”.*

Diretor: *“Quem mais pode dar outra resposta no lugar da Karin”?*

Anderson assumiu o lugar de Karin e disse:

- *“Eu daria um soco”.*

Karin: *“Nunca. Eu jamais faria isso”.*

Fernanda entrou no papel de Karin e respondeu: *“Mas eu exijo que você me chame por Karin”.*

Karin (no papel de cunhado): *“Eu não te conheci assim e não vou te chamar assim”.*

O diretor assumiu o papel de Karin e pediu para que Karin, no papel de cunhado, repetisse a frase.

Karin (no papel de cunhado): *“Eu não te conheci assim e não vou te chamar assim”.*

Diretor (no papel de Karin): *“Então me conheça agora. Prazer, meu nome é Karin.”*

Fernanda soltou um grito: *“É isso mesmooooo”.*

Diretor: *“Karin, pode sair do papel de cunhado e voltar a ser você mesma. Pode voltar para o seu lugar. Isso o que fizemos aqui fez sentido para você”?*

Karin: *“Si. Nunca pensei nisso antes. Dessa forma é super fácil e até divertida”.*

Luís: *“Eu jamais poderia fazer isso com a minha família. Eu apanharia na hora”.*

Karin: *“Para mim é muito possível, Eu e meu cunhado nos damos bem. Seria fácil fazer isso”.*

Fernanda: *“Na semana passada, quando completei trinta e dois anos, chamei minha família toda à mesa e disse que a partir daquela data, exigia que todos me chamassem pelo nome de Fernanda, pois eles tiveram dez anos para se acostumar com isso. Minha mãe não aceitou isso muito bem, pois não consegue me chamar de Fernanda, porque não foi esse o nome que ela tinha me dado quando criança. Nesses dez anos eles me chamavam por um terceiro nome. Um apelido”.*

Diretor: *“E você vê outra forma de fazer isso”?*

Fernanda: *“Não. O que eu fiz foi o máximo que eu consegui”.*

Diretor: *“E fez muito bem. Mas vamos tentar outra coisa? Escolha alguém para ser sua mãe e seu padrasto”.*

Fernanda: *“Karin e Luís”.*

Diretor: *“Fernanda, você está aqui com o seu Padrasto e com a sua Mãe. Como eles te chamam”?*

Fernanda: *“Ah, me chamam por um apelido. Meu padrasto até chegou na minha casa esses dias me chamando no corredor pelo meu nome de registro para todos os vizinhos ouvirem”.*

Diretor: *“E porque eles não conseguem te chamar por Fernanda”?*

Fernanda: *“Porque minha mãe disse que para ela é muito difícil. Não foi o nome que ela me deu”.*

Diretor: *“E que tal você nascer de novo”?*

Fernanda, confusa: *“Como assim”?*

Diretor: *“Que tal você nascer de novo? Vamos fazer de conta que você nasceu de novo hoje? O que temos de fazer quando uma criança nasce para ela ter nome”?*

Fernanda: *“Registrar a criança”.*

Diretor: *“Então faça o seu novo registro”!*

Fernanda encheu os olhos de lágrimas e parou com a pequena cena e disse: *“Nossa. Isso é muito legal. Vou fazer isso em casa com eles e colocar o meu padrasto como meu pai”!*

Diretor: *“Fez sentido pra você”?*

Fernanda: *“Muito”.*

Compartilhamento

Diretor: *“Pessoal, o que vocês gostariam de compartilhar da sessão de hoje”?*

Luís: *“É muito legal ver que pode ser dada uma resposta diferente das quais estamos acostumados. Sempre ficamos muito na defensiva e não vemos que podemos fazer de um jeito mais fácil. Gostei”.*

Fernanda: *“Eu adorei as dicas e as ideias. Vou fazer hoje mesmo”.*

Karin: *“Eu concordo com os dois. Adorei”.*

Anderson: *“Eu achei bem legal. Diferente”.*

7.1.8. Descrição do oitavo encontro

A sessão iniciou as dezoito e trinta com os presentes: Cristiano e Karin.

Estavam sentados a uma mesa, esperando os outros participantes, e a Karin estava um pouco cabisbaixa.

Aquecimento

Diretor: *“Karin, está tudo bem com você”?*

Karin: *“Estou passando por algumas dificuldades em casa”.*

Diretor: *“Você quer contar para nós? O que podemos fazer para te ajudar”?*

Karin: *“Não é nada demais. Deixa pra lá. Vou resolver”.*

Cristiano: *“Mas conta pra gente. Quem sabe a gente possa ajudar”!*

Dramatização

Karin: *“É que meu marido/amigo saiu de casa porque eu disse para ele que somos só amigos e que eu estava conhecendo outra pessoa e ele não aceitou muito bem. Ele começou a gritar e ameaçou me bater. Ele foi embora, mas não levou quase nada dele”*

Cristiano: *“Mas por que você está triste? Você está apaixonada por outra pessoa e ele foi embora. Não está tudo resolvido”?*

Karin: *“Eu me preocupo muito com ele. Não quero ver ele passando necessidade na rua ou jogado em algum canto. Se isso acontecer vou acolher ele de novo, porque são vinte e um anos de história e ele sempre foi muito companheiro. Já estou com outra pessoa, um menino trans. Ele também não aceita a ideia de eu morar com o meu ex. Mas eu disse pra ele que essa era a minha vida que ele vai ter aceitar que eu acolha o Alessandro, porque não vou deixar ele sofrer”.*

Luís e Fernanda chegaram. Como a Karin estava no meio do assunto, ela não foi interrompida.

Cristiano: *“Mas ele te batia. Por que você se preocupa tanto com ele”?*

Karin: *“Porque ele sempre me ajudou. Ele nem cuida da conta dele, por exemplo. Eu que recebo o salário dele por ele. Se eu quisesse rouba-lo eu o roubaria. Ele confia em mim. E ele me bateu porque eu mereci apanhar”.*

Luís: *“Não Karin. Ninguém merece apanhar. Nada justifica a agressão física”.*

Karin: *“Mas eu fiz coisa errada. Mereci apanhar todas as vezes”*.

Diretor: *“E como ele reagiu quando você disse que estava com outra pessoa”?*

Karin: *“Ah... ele não aceita. Por mais que eu diga que não temos mais nada a ver. Que faz três anos que não transamos. Ele ainda me vê como esposa. Mesmo eu dizendo que não sou. Ele não aceita. Cheguei em casa ontem e ele estava com uma faca debaixo do travesseiro. Peguei a faca e perguntei se ele pretendia me matar. Ele disse que sim. Eu disse, então aproveita enquanto eu estiver dormindo, porque eu estou indo pra cama. Fui dormir morrendo de medo, mas dormi”*.

Cristiano: *“E é assim que você quer viver”?*

Karin: *“Não, mas ele sempre esteve do meu lado. E se ele precisar agora, eu estarei do lado dele. Mas meu atual namorado não entende e não aceita essa situação. Tá difícil pra mim”*.

Fernanda: *“Ah. Esse teu namoradinho você sabe o que eu penso, né? Ele não sabe te respeitar. Não vai dar certo”*.

Karin: *“Mesmo assim vou tentar. Quero ser feliz”*.

Diretor: *“Você vai tentar porque você é fraca, né Karin? Por isso você vai tentar”!*

Karin: *“Não. Vou tentar porque eu sou forte”*.

Diretor: *“Não. Você é fraca. Estou até achando que você merecia apanhar do seu marido mesmo. Porque você é muito fraca. As pessoas fazem o que querem com você”*.

Luís: *“Não Bruno. Não é assim. Ninguém merece apanhar”*.

Diretor: *“Me parece que ela mereceu”*.

Fernanda, parecendo que entendeu o que o diretor estava fazendo, disse: *“É Karin, esse seu namorado novo parece com o outro”*.

Diretor: *“Me parece que você está trocando seis por meia dúzia”*.

Karin: *“Pode ser, mas eu vou tentar ser feliz mesmo assim”*.

Diretor: *“E o que pode mudar nesse cenário”?*

Karin: *“Não sei”*.

Diretor: *“Por que você sempre coloca as pessoas à sua frente? Por que você sempre pensa nas pessoas primeiro e depois você pensa em você”?*

Fernanda: *“É guria! Por que você se preocupa tanto com os outros”?*

Karin: *“Porque eu me importo com as pessoas. Sempre fui assim. Sempre quis ver as pessoas bem”*.

Diretor: *“E você? Quando vai ficar bem”?*

Karin começou a chorar!

Diretor: *“Por que você coloca as pessoas à sua frente, para depois pensar em você”?*

Karin: *“Porque sou carente. Não sei ficar sozinha. Nunca fiquei sozinha. Só uma vez que o meu marido foi embora e eu fiquei alguns meses sozinha, me virando, mas depois ele voltou”*.

Diretor: *“Pois é. Me parece que você está depositando na mão dos outros a sua felicidade, como se eles tivessem o poder de fazer isso. E agora você está como”?*

Karin: *“Estou triste. Perdida. Mas não sei fazer de outro jeito. Vou tentar, mas não sei fazer”!*

Diretor: *“Alguém aqui já andou de avião”?*

Todos disseram que sim.

Diretor: *“O que a aeromoça fala nos procedimentos de segurança? Máscaras cairão sobre suas cabeças e”?*

Todos disseram: *“Coloque primeiro a sua e depois coloque na pessoa ao lado”!*

Diretor: *“E aí Karin? O que isso tem a ver”?*

Karin: *“Preciso estar bem para poder ajudar aos outros”.*

Diretor: *“Isso mesmo. É lindo esse seu jeito de cuidar das pessoas. Acho lindo mesmo e acho que o mundo precisa de mais pessoas como você. Mas primeiro você precisa cuidar de você”.*

Karin: *“Vou tentar”!*

Diretor: *“Você promete”?*

Karin: *“Prometo”*

Compartilhamento

Diretor: *“Alguém gostaria de compartilhar com a Karin sobre o encontro de hoje”?*

Fernanda: *“Já me senti assim também. Tive alguns relacionamentos duradouros, mas todos exigiam coisas de mim e eu percebi que eles queriam coisas apenas para eles e esquecendo de mim. Passei me observar mais e gostar mais de mim. Me valorizo muito mais”.*

Karin: *“Vou tentar prestar mais atenção em mim”*

Diretor: *“Karin, como foi a sessão pra você”?*

Karin: *“Foi boa. Gostei de ter conversado com as pessoas e ter ouvido outras opiniões. Percebi como todos aqui me veem e vou refletir sobre isso”*.

Diretor: *“Obrigado por ter nos contado sobre a sua vida e confiado em nós para contar as suas angústias. Você sempre usa o humor para fugir dos sentimentos e dessa vez você foi verdadeira a eles”*.

Karin: *“Pois é. Essa semana eu não estou conseguindo fingir”!*

Diretor: *“Que bom, isso mostra que você é um ser humano”*.

Karin sorriu.

7.1.9. Descrição do nono encontro

A sessão iniciou por volta das dezoito e trinta, pois ainda faltavam alguns integrantes do grupo. Estavam presentes Luis, Fernanda, Karin e Morena. Todos estavam sentados em volta de uma mesa e, quando o diretor solicitou mudarem para um espaço em que não houvesse nada entre eles, todos disseram que gostariam de permanecer ali mesmo.

O diretor iniciou a sessão, respeitando o espaço escolhido pelo grupo.

Aquecimento:

Na etapa do aquecimento, o diretor solicitou que todos fechassem os seus olhos e fosse sentindo o seu corpo, sentados mesmo, começando pelos pés e subindo para as panturrilhas, coxas, quadril, abdômen, mãos, cotovelos, ombros, pescoço e cabeça. Depois o diretor disse:

- *“Ainda de olhos fechados, pense em como foi a sua semana e o que aconteceu no decorrer dos dias que mais incomodou você”*. Esperou cerca de um minuto e emendou: *“Assim que tiver a cena em sua cabeça, pode abrir os olhos para que eu saiba que está pronto”*.

Karin foi a primeira a abrir os olhos, logo após a consigna, seguida de Fernanda, Luis e Morena.

O diretor pediu, então, que cada um contasse um pouco da cena em que estava pensando para o grupo e Karin foi a primeira:

- *“Esta semana está sendo muito difícil para mim. O meu marido (pausa na fala). Marido não... Companheiro.. Enfim, o Alessandro! Ele voltou pra casa. Eu sabia que isso podia acontecer, porque ele não levou nada quando saiu. Mas agora ele está de volta. E está muito ‘louco’ lá em casa. Eu não dormi essa noite. Ele não me deixou dormir. Estava muito drogado e alucinando, sabe Bruno? Não sei o que fazer.”*

Diretor: *“Obrigado Karin. Mais alguém quer contar sobre a sua cena”?*

Luis: *“Não Bruno. Acho que a Karin precisa muito mais de ajuda e eu quero ajudá-la”.*

Fernanda : *“Concordo com o Luis. A Karin precisa mesmo de ajuda”.*

Morena: *“É... Eu já mandava esse cara embora. Lá em casa quem manda sou eu”.*

Diretor: *“Karin, você foi a escolhida pelo grupo para ser a nossa protagonista de hoje. Você aceita”?*

Karin: *“Sim. Aceito”.*

Dramatização

Diretor: *“Então Karin, nos conte um pouquinho mais do que está acontecendo com você”.*

Karin: *“Acontece que eu não quero mais que o Alessandro more lá em casa. Na verdade, se ele quiser continuar morando comigo, tudo bem, mas ele precisa aceitar o meu novo relacionamento. Meu namorado vem para cá nesse final de semana e eu não sei como vai ser”.*

Diretor: *“Mas em que você acha que o grupo pode te ajudar nesse sentido”?*

Karin: *“Não sei... Acho que podem me dar alguma opinião. Na verdade eu preciso me virar sozinha”.*

Luis: *“Não é bem assim Karin. Estamos aqui e queremos te ajudar”*.

Morena: *“Eu acho que você tinha é que logo chamar a polícia”*.

Karim: *“Não quero chamar a polícia para ele. Eu quero ajuda-lo. Ele até disse que se eu colocar alguém aqui em casa ele me mata, mas ele estava drogado. Não estava falando coisa com coisa”!*

Fernanda: *“É guria. Eu acho que você precisa falar com ele quando ele estiver ‘de cara’. Enquanto ele está muito louco não adianta falar com ele”*.

Karin: *“É... Eu posso tentar falar com ele amanhã quando ele acordar. Precisei dar um remédio para ele dormir, porque ele não estava me dando sossego”*.

Diretor: *“Karin. O que você quer para a sua vida”?*

Karin: *“Como assim”?*

Diretor: *“O que você quer para a sua vida? O que você quer para você”?*

Karin: *“Eu quero ser feliz. Com a pessoa que eu gosto. Com a minha vida mais segura”*.

Diretor: *“Então levante”*.

Karin: *“Pra que? Está tão bom aqui”*.

Diretor: *“Levante e venha aqui comigo”*.

Karin e diretor se posicionaram em uma parte da sala ao lado da mesa onde todos estão sentados. Fernanda está olhando para o diretor e para a Karin, mas está ensinando Morena a ler e a escrever ao mesmo tempo, ditando as sílabas e palavras. Morena repete o que Fernanda fala, demonstrando que está aprendendo.

Luis posiciona a sua cadeira ao lado da mesa, para poder enxergar melhor o que o Diretor e a Karin estão fazendo.

O Diretor pega algumas almofadas que estavam na sala ao lado e traz para Karin.

Diretor: *“Karin, o que você disse que você quer para a sua vida”?*

Karin: *“Quero a minha felicidade”.*

Diretor: *“Então, qual dessas almofadas representará a sua felicidade”?*

Karin: *“Esta aqui, a maior”.*

Karin escolheu a almofada branca, maior que as outras.

Diretor: *“Então vamos colocar a sua felicidade aqui, ok”?*

O diretor colocou a almofada há uns dois metros de Karin.

Diretor: *“E para você chegar até a sua felicidade, o que você precisa fazer”?*

Karin: *“Preciso acertar logo a minha situação com o Anderson.”*

Diretor: *“Só isso? Isso já te faria uma pessoa feliz”?*

Karin: *“Não. Preciso arrumar um emprego também para me fazer pagar as minhas contas e eu não precisar voltar para as ruas”.*

Diretor: *“O que mais você precisa para chegar à sua felicidade”?*

Karin: *“Essas duas coisas já me fariam chegar à felicidade”.*

Diretor: *“Então escolha uma almofada para representar o seu emprego e uma outra para representar o seu acerto com o Alessandro”.*

Karin escolheu outras duas almofadas.

Diretor: *“Entre essas duas situações, qual você gostaria de resolver primeiro”?*

Karin: *“Minha situação com o Alessandro”*.

Diretor: *“Então vamos colocar essa almofada que representa o seu acerto com o Alessandro aqui e esta que representa o seu emprego aqui, pode ser”?*

O diretor colocou a almofada do “Acerto com o Alessandro” bem próximo de Karin e a do Emprego entre a anterior e a almofada da Felicidade.

Diretor: *“Essa daqui é o seu caminho para a felicidade. Você precisa acertar-se com o Alessandro e precisa arrumar um emprego para você conseguir chegar até lá. Como você pretende fazer isso”?*

Karin: *“Posso pular direto para lá”?* (rindo)

Diretor: *“Não dá, né? Você consegue dar um passo maior do que as suas pernas permitem? Acho que não, né”?* (rindo).

Karin: *“Preciso me resolver com o Alessandro primeiro”*.

Diretor: *“Então assuma o lugar desta almofada”*.

Karin entra no lugar da almofada do “acerto com o Alessandro”.

Diretor: *“Como você está se sentindo nesse lugar”?*

Karin: *“Estou muito angustiada. Sabe, Bruno? Isso está me incomodando muito. Sinto que preciso resolver isso logo”*.

Diretor: *“E como você quer fazer isso? O que você pretende fazer”?*

Karin: *“Vou conversar com ele e explicar que ele precisa aceitar as coisas como estão hoje e que ele pode continuar morando comigo, sem problema nenhum”*.

Diretor: *“Então escolha alguém para ser o Alessandro”*.

Karin: *“Ai meu Deus. Aqui não tem ninguém parecido com ele”*.

Diretor: *“Não tem problema. Pense nessa pessoa como se ela fosse o Alessandro”*.

Karin: *“Tá bom. Escolho o Luis, então”*.

Diretor: *“Luis, venha até aqui para nos ajudar nessa situação”*.

O diretor solicitou para que Karin descrevesse um pouco o Alessandro para o Luis poder entrar no papel. Essa descrição não será relatada para preservar a identidade de Alessandro.

Diretor: *“Agora fale para o Alessandro (Luis) o que você gostaria de falar para ele”*.

Karin: *“Alessandro, você precisa aceitar que eu quero me envolver com outra pessoa. Sabe Bruno? Eu não falei pra ele que eu já tenho outra pessoa. Mas ele desconfia”*.

Diretor: *“Então continue a conversa com ele”*.

Karin: *“Você precisa aceitar. A gente já não tem mais nada a ver”*.

Diretor: *“Luis, troca de lugar com a Karin e repita as últimas frases que ela disse. Karin, você agora vai responder como Alessandro, ok”?*

Karin: *“ok”*

Diretor: *“Karin (para Luis), pode repetir as últimas frases que você acabou de dizer para o Alessandro, por gentileza”?*

Luis (no papel de Karin): *“Nós não temos mais nada a ver um com o outro. Você precisa aceitar isso”*.

Karin ficou alguns segundos em silêncio.

Diretor: *“Alessandro (para Karin), o que você pode dizer para a Karin sobre o que você acabou de ouvir”?*

Karin (no papel de Alessandro): *“Eu não vou aceitar nada. Se você colocar outra pessoa aqui em casa, eu mato vocês dois”*.

Diretor: *“Luis, você pode trocar de lugar com a Karin novamente e repetir as últimas frases que o Alessandro disse”?*

Luis (no papel de Alessandro): *“Se você colocar alguém aqui no meu lugar, mato vocês dois”*.

Diretor: *“Karin, você ouviu o que o Alessandro disse”?*

Karin: *“Ouvi sim”*.

Diretor: *“E o que você acha disso”?*

Karin, respondendo para o Luis (no papel de Alessandro): *“Alessandro, você pode continuar aqui até arrumar um emprego para se sustentar. Eu te ajudo até lá. Só preciso que você aceite que eu seja feliz”*.

Luis (no papel de Alessandro): *“Você vai me ajudar até eu arrumar um emprego? Eu nunca vou arrumar um emprego, então”*.

Karin: *“É Bruno. Ele está certo. Ele nunca vai sair da minha casa desse jeito”*.

Diretor: *“E ele, de fato, pode fazer alguma coisa contra você? Você está realmente correndo risco”?*

Karin: *“Ele pode fazer sim, Bruno. Ele pode me matar”*.

Diretor: *“E o que você pode fazer quanto a isso”?*

Morena, que estava estudando, grita: *“Chama a polícia mulher”*.

Luis, já fora do papel de Alessandro: *“É Karin, chama a polícia. Isso não é vida”*.

Karin: *“Mas ele tem atestado de esquizofrenia. Ninguém vai fazer nada”*.

Diretor: *“Então, por ele ter atestado de esquizofrenia, você está aceitando que ele te mate. É isso”?*

Karin: *“Não. Ele não pode fazer isso”*.

Diretor: *“Ué, mas você acabou de falar que nada vai acontecer com ele porque ele tem um atestado”*.

Karin: *“Ele tem, mas se ele me matar ele vai preso”*.

Diretor: *“Então esse atestado não serve pra muita coisa nesse caso”?*

Karin: *“É.. Acho que não”*.

Diretor: *“E que medidas você pode tomar para se proteger”?*

Luis: *“Karin, você tem de ir na polícia, fazer um B.O. e pedir para que ele se mantenha a alguns metros de você. Que ele não pode chegar perto de você. Você precisa fazer isso”*.

Diretor: *“Você acha que essa medida é possível”?*

Karin: *“Sim... Eu acho que sim. Eu não queria envolver a polícia, mas eu realmente estou correndo risco. Eu acho que preciso fazer isso”*.

Diretor: *“Isso resolveria a sua situação com o Alessandro”?*

Karin: *“Acho que sim. Porque se ele tentar alguma coisa contra mim ele vai preso. E vai precisar sair da minha casa. Eu queria que fosse tudo mais pacífico, mais feliz. Mas eu acho que não tem jeito”*.

Diretor: *“Você quer tentar alguma outra solução”?*

Karin: *“Não... Eu acho que é isso mesmo. Já tentei de tudo, agora preciso me proteger”*.

Diretor: *“Ok. Obrigado Luis. Pode voltar ao seu lugar”*.

Luis, deixando a cena, voltou para a sua cadeira.

Diretor: *“E agora Karin? Olhando para o seu caminho para a felicidade, o que precisamos fazer”?*

Karin: *“Preciso arrumar um emprego que me faça pagar minhas contas”*.

Diretor: *“E o que isso significa? Quanto seria o suficiente para você pagar as suas contas”?*

Karin: *“Ah... Aqui na ADEH eu já ganho um pouquinho”*.

Diretor: *“E isso é o suficiente para você? Aqui e agora você pode pensar no que você gostaria que fosse bom para você”*.

Karin: *“Então... Eu moro numa casa própria. Não pago aluguel. Então acho que uns mil e cem reais seriam suficientes para eu pagar as minhas contas e alimentar os meus bichinhos, que custam cerca de trezentos reais ao mês”*.

Diretor: *“E o que você precisa fazer para chegar lá”?*

Karin: *“Preciso me preparar. Me profissionalizar. A ADEH já está me ajudando nisso”*.

Diretor: *“Ótimo. Vamos fazer de conta que você conseguiu esse seu emprego? Então vamos juntos pro lugar dessa almofada”*.

O diretor enganchou no braço de Karin e a acompanhou até a almofada do Emprego.

Diretor: *“Pronto! Você já está no emprego que você gostaria de estar. Ganhando os seus mil e cem reais por mês. Como você está se sentindo”?*

Karin: *“Estou me sentindo muito bem. Sei que posso alimentar os meus bichos e pagar as minhas contas. Não dá pra esbanjar, mas dá para viver”*.

Diretor: *“E o que fazemos agora”?*

Karin, bastante animada: *“Vamos para a felicidade”?*

Diretor dá o braço à Karin novamente e vira para trás.

Diretor: *“Antes de seguirmos, gostaria que você olhasse para trás. Tem alguma coisa que você gostaria de reparar lá”?*

Karin: *“Não Bruno. Não tem nada que eu queira fazer lá! Sofri o que eu tinha que sofrer e superei o que eu tinha que superar. Não quero mais voltar a sentir nada do que passou. Agora eu quero ir pra frente”*.

Diretor, ainda de braço dado com Karin, vira para frente junto com ela.

Diretor: *“Ok. Está pronta para ser feliz”?*

Karin: *“Estou mais do que pronta. Vamos”?*

Diretor: *“Vamos”*.

Ambos assumiram a posição da almofada da felicidade.

Diretor: *“Como você está se sentindo aí Karin”?*

Karin: *“Estou muito bem. Estou feliz. Sinto que tudo valeu a pena”*.

Diretor: *“E o que você gostaria de fazer agora”?*

Karin: *“Viver”*.

Diretor: *“Então viva!... Muito obrigado Karin. Pode voltar ao seu lugar”*.

Compartilhamento

Na etapa do compartilhamento, o diretor solicitou para que os demais integrantes do grupo compartilhassem os seus sentimentos com a Karin:

Fernanda: *“Hoje eu fiquei mais quietinha aqui ajudando a Morena, mas eu estou sempre disponível para ajudar a Karin. Ela sabe disso”*.

Morena: *“Karin, se você precisar, posso te ajudar na comida dos cachorros. Não tenho muito dinheiro, mas posso te ajudar até você melhorar”*.

Luis: *“É Karin. Meus cachorros comiam polenta. Eles eram enormes. Era barato e os alimentava muito bem. Eram super gordos”*.

Diretor: *“E para você Karin? Como foi a experiência?”*

Karin: *“É sempre bom termos um outro olhar das coisas, né? Eu realmente preciso resolver isso e me proteger. Ele não fará nada se eu continuar o tratando da mesma forma que eu o trato sempre”*. (Falando do Alessandro).

O diretor perguntou se alguém gostaria de compartilhar mais alguma coisa e todos disseram que não. Pediu, então, uma palavra de cada um para encerrar a sessão.

Fernanda: *“Ajuda”*.

Luis: *“Cuidado”*.

Morena: *“Pólicia”*.

Karin: *“Alívio”*.

A sessão se encerrou às vinte horas.

7.1.10. Descrição do décimo encontro

Para iniciar a sessão, o grupo estava esperando por Luís, que chegou por volta de dezoito e quinze. Todos estavam sentados à mesa, conversando sobre questões de relacionamento, trabalho e estudos.

Estavam presentes Fernanda, Cristiano, Luís, Karin e Morena. Karin pediu desculpas e disse que não poderia participar desta sessão, desejando bom trabalho ao grupo e foi embora.

Aquecimento

Para o aquecimento dessa sessão, o diretor utilizou-se apenas da fala do grupo, perguntando:

- *“Como foi a semana de vocês”?*

Fernanda foi a primeira a responder, seguida das outras pessoas do grupo.

Fernanda: *“A minha semana foi ótima”.*

Cristiano: *“A minha semana foi boa, mas hoje aconteceu um fato estranho que me deixou meio bobo. Estou meio anestesiado até agora”.*

Diretor: *“Você quer contar um pouquinho do que aconteceu para nós”?*

Cristiano: *“Sim... É que hoje eu conversei com um amigo FTM que se envolveu com as feministas radicais da UFSC. Aí agora ele decidiu que não vai mais transexual e vai levar a vida como lésbica. Tô em choque ainda”.*

Diretor: *“Então ele, agora, decidiu ser ela novamente”?*

Cristiano: *“Pois é... Eu respeito a decisão, sabe? Mas é estranho para mim...”*

Diretor: *“Por que estranho”?*

Cristiano: *“Porque eu luto por uma causa e eu queria que outras pessoas também lutassem”.*

Diretor: *“É como se um combatente estivesse desistindo da batalha”?*

Cristiano: *“Isso... Me sinto um pouco estranho por isso. Mas minha semana, tirando isso, foi ótima. Meu irmão finalmente aceitou se tratar da dependência química”.*

Diretor: *“Opa, que bacana. Quantos anos ele tem”?*

Cristiano: *“Ele tem 56 anos. Faz anos que estamos tentando ajuda-lo e ele nunca aceitou. Nessa semana ele aceitou! Estou muito feliz mesmo por isso. Eu e minha mãe”.*

Diretor: *“Que bom Cristiano! Fico feliz por vocês também. E a sua semana Morena? Como foi”?*

Morena: *“Ah... Minha semana foi boa! Trabalhei bastante e mais uma moça me ligou para eu trabalhar na casa dela. E eu disse que só vou se ela me depositar cento e cinquenta reais na minha conta. Se ela não depositar, eu não vou. E meu chefe disse que é pra eu criar vergonha na cara e estudar. Por isso estou aqui ó, com a apostila que a Fernanda montou pra mim. Estou estudando. Ele disse que um dia é pra eu ficar no lugar dele e pra isso eu preciso saber ler e escrever”.*

Diretor: *“Muito bacana isso né, Morena? Você acha importante estudar”?*

Morena: *“Sim. Eu quero aprender o que significa cada palavra que eu vejo e que hoje eu não sei o que querem dizer”!*

Diretor: *“Muito bem. E a sua semana Luís? Como foi”?*

Luís: *“Minha semana foi muito difícil. Minha mãe e eu estamos brigando o tempo todo e eu tenho vontade de mata-la. Eu tenho vontade de mata-la. Só faço isso porque eu não posso Bruno. Só porque eu não posso. Senão eu matava”.*

Diretor: *“Mas o que aconteceu? Quer nos contar”?*

Luís: *“É que ela não aceita me ver de barba. Ela quer que eu tire de qualquer jeito. Eu não vou tirar agora. Só para dar um choque de realidade nela. Eu não vou fazer isso. Ela precisa entender e eu vou fazer ela entender”*.

Cristiano: *“E você acha que ela vai entender dessa forma”?*

Luís: *“Ela vai ter que entender. E eu vou deixar de propósito. Pra você ter ideia do que a minha mãe é, Bruno, eu contei que minha amiga Carina vem passar o fim de ano comigo. Ela acha que é amiga”*.

Diretor: *“Ela é sua namorada”?*

Luís: *“Já foi minha namorada. Hoje ela é... Sei lá... Um rolo... É uma peguete. Mas olha o que minha mãe me perguntou, ‘é aquela loira de olho azul?’. Tá vendo Bruno? Tá vendo quem é a minha mãe”?*

Diretor: *“Não entendi Luís. Qual é o problema de ela ter perguntado isso”?*

Luís: *“Ela perguntou se é a loira de olho azul, Bruno. Ela é uma nazista preconceituosa. Ela nem sabe que a Carina engordou uns quinze quilos. Mas só de ser loira de olho azul já basta pra ela”*.

Luís estava bastante emocionado com a sua fala.

Diretor: *“Luís, estou percebendo que você está bastante emocionado. Você aceita ser o nosso protagonista de hoje”?*

Luís, um pouco envergonhado: *“Vamos lá. Aceito sim”*.

Dramatização

Para a dramatização, o diretor pediu a atenção de todos e iniciou com Luís:

- *“Luís, conta mais um pouquinho para nós do que está acontecendo”*.

Luís: *“Está acontecendo que minha mãe não consegue entender o que eu sou. Ela quer que eu tire a barba e me case com um homem”.*

Cristiano: *“Mas você acha que provocando ela o tempo todo você vai conseguir que ela te aceite? Isso não é ruim para você também? Viver nesse inferno o tempo todo”?*

Luís: *“Sabe.... Eu achei que nós éramos amigos! Até semana passada eu e minha mãe parecíamos amigos. Ela estava falando comigo”.*

Diretor: *“Falar com você já faz as pessoas serem suas amigas”?*

Luís: *“Mais ou menos. Teve uma vez que eu fui num bar com os meus tios e foi lindo ver. Eles tiveram que me tratar como homem, porque estavam com vergonha de que alguém perguntasse o que eu sou e eles terem que explicar. Eles me trataram como homem porque estavam com vergonha”.*

Diretor: *“E isso faz deles seus amigos”?*

Luís: *“Não... Eles têm vergonha de mim”.*

Diretor: *“Então por que você foi até o bar com eles”?*

Luís: *“Porque eles são minha família. E eu gosto da minha família”.*

Cristiano: *“Não entendi Luís. Você passa por esses constrangimentos só porque eles são da sua família”?*

Luís: *“Sim... Nós somos italianos e italianos são assim. Nós não largamos o nosso sangue por nada”.*

Diretor: *“Por nada?”*

Luís: *“É... Italiano é tudo assim. Não deixa a família de lado por nada”.*

Cristiano: *“Eu hein? Eu não passaria por isso não. Já até deixei de falar com a minha família por um tempo. Voltei a falar com a minha mãe agora, faz poucos anos. E foi maio que uma atitude minha. Eu que meio que me aproximei e ela foi entendendo. Hoje somos amigos e ela me respeita”.*

Luís: *“Então. Esse ano eu vou passar o Natal com a minha mãe! Depois de trinta e dois anos, vou passar o Natal com a minha mãe. E foi ela quem convidou”.*

Diretor: *“Você tem trinta e dois anos. Você nunca passou o Natal com a sua mãe”?*

Luís: *“Nunca passei, Bruno. Essa será a primeira vez. Ela tinha dito que ia viajar, como todos os anos. Aí esse ano ela me perguntou o que eu ia fazer e eu disse que passaria na minha casa, como sempre, e ela disse que também passaria em casa e perguntou o que nós comeríamos. Entendi isso como um convite. Aí vamos passar eu, ela e Carina”.*

Diretor: *“E como você se sentiu com esse convite”?*

Luís: *“Sinceramente? Eu não entendi. Não sei se ela vai me matar. Se vai contratar alguém pra me matar. Porque nessa semana ela disse que eu sou o maior erro da vida dela e que eu nunca deveria ter nascido”.*

Diretor: *“E o que está te segurando na casa dela, então”?*

Luís: *“O sangue Bruno. Já disse que nós italianos não deixamos ninguém do nosso sangue largado por aí. Eu até já tinha ido embora uma vez. Morava sozinho em Balneário, em um apartamento enorme. Ganhava bem pra caramba e tinha até um certo luxo. Aí ela me ligou, pediu pra eu voltar pra casa. Disse que eu tinha que abrir meu próprio negócio e que me ajudaria nisso. E eu vim. Só que está sendo tudo diferente. E eu sempre faço o que ela quer. Me formei em três faculdades porque ela quis que eu estudasse. Voltei pra casa porque ela quis que eu voltasse. Sempre fiz tudo o que ela quis”.*

Diretor: *“Luís, escolha uma pessoa para representar a sua mãe”.*

Luís: *“Quem que eu vou escolher”?*

Cristiano, nesse momento, estava ensinando a Morena a ler e a escrever, silenciosamente.

Luís: *“Vou escolher a sempre querida Fernanda, de novo”*.

Diretor: *“Então venha cá Fernanda”. A posicionou em pé, em frente ao Luís. “Seja a mãe do Luís agora. Você precisa saber mais alguma coisa dela para poder representar”?*

Fernanda: *“Não. Estou tranquila. Eu consigo”*.

Diretor: *“Luís, o que você gostaria de falar para a sua mãe agora”?*

Luís travou e gaguejou, com os olhos marejados: *“Eu... Eu não sei. Nessa semana ela me olhou e começou a gritar muito. Jogou uma travessa que tinha nas mãos e começou a gritar feito uma louca que não aguentava mais”*.

Com esse *input* de Luís, Fernanda, no papel de mãe de Luís, começou a gritar:

- *“Que droga. Eu não aguento mais essa vida! Eu não aguento mais isso! Eu não aguento mais você”!*

Diretor: *“Como você está se sentindo Luís”?*

Luís: *“É como eu estar lá de volta. Ela precisa me aceitar”*.

Diretor: *“Luís, entra aqui no lugar da Fernanda e seja a sua mãe”*.

Luís e Fernanda trocaram de lugar.

Diretor: *“Luís (falando para a Fernanda), repete o que você acabou de dizer, por gentileza”?*

Fernanda (no papel de Luís): *“Você precisa me aceitar”*.

Diretor fala para Luís (no papel de mãe): “*E o que a senhora tem a dizer sobre isso que acaba de ouvir*”?

Luís (no papel de mãe): “*Eu não o aceito assim. Quero que você tire essa barba e encontre um cara decente para casar. Só quero que você seja um exemplo*”.

Diretor para Luís (no papel de mãe): “*Assim como a senhora foi, não é mesmo*”?

Luís (no papel de mãe): “*Isso mesmo. Eu fiz tudo o que eu pude*”.

Diretor para Luís (no papel de mãe): “*A senhora foi um exemplo e que quer que o Luís siga*”.

Luís (no papel de mãe): “*Exatamente*”.

Diretor para Luís (no papel de mãe): “*A senhora procurou um namorado ‘perfeito’ para fazer um filho que, ao nascer, a senhora entregou para o pai cuidar*”.

Luís: “*Para o pai do pai cuidar*”.

Diretor para Luís (no papel de mãe): “*Para o avô cuidar. A senhora sabia que ele sofreu muito na infância? Que apanhava muito dos tios e dos primos? A senhora sabia que sofreu muito na escola e que era chacota de todo mundo*”?

Luís (no papel de mãe): “*Eu estava trabalhando. Fiz o que pude*”.

Diretor para Luís (no papel de mãe): “*E a senhora se diz exemplo? Exemplo de que*”?

Luís (no papel de mãe): “*Exemplo porque eu não abandono o sangue do meu sangue*”.

Diretor para Luís (no papel de mãe): “*Mas a senhora abandonou. Abandonou e está abandonando de novo*”.

Luís encheu os olhos de lágrimas. O Diretor pediu para Fernanda e Luís trocarem de lugar novamente.

Diretor: *“Luís, como você está se sentindo? O que você conseguiu ver nessa cena”?*

Luís: *“Percebi que a minha mãe não entende que eu sou isso e nem que ela está ausente”.*

Diretor: *“E o que você gostaria de dizer pra ela”?*

Luís: *“Que você precisa me aceitar. Você precisa aceitar que eu sou isso”.*

Diretor: *“Luís, você não disse que a sua mãe disse que você foi o maior erro da vida dela? Por que você não diz pra ela que vai embora”?*

Luís: *“Eu não posso fazer isso. Eu não tenho dinheiro. Não posso ir embora”.*

O diretor se coloca ao lado de Fernanda, coloca a mão no ombro direito dela e, de frente para Luís diz:

- *“Luís, se é só o meu dinheiro que te interessa, por que você ainda insiste em mim? Por que você ainda insiste que eu te aceite”?*

Luís: *“Porque você precisa me aceitar”.*

Diretor (no papel de mãe): *“Se é só o meu dinheiro que te interessa, por que você ainda insiste em mim”?*

Fernanda balança a cabeça em sinal de concordância.

Luís: *“Porque eu queria que você gostasse de mim. Eu não queria só o seu dinheiro, eu queria o seu amor. Sabe Bruno, eu queria mesmo que ela aceitasse que eu sou isso. Assim ela poderia gostar de mim, se entendesse e aceitasse...”.*

Diretor: *“Isso o que”?*

Luís: *“Isso o que eu sou”*.

Diretor: *“Mas o que você é”?*

Luís: *“Isso”*.

Diretor: *“Luís, você quer dizer que você é um homem. Você é um homem”*.

Luís balançou a cabeça afirmativamente, emocionado.

Diretor: *“Isso, para mim, é uma coisa. E enquanto você se mostrar como uma coisa, as pessoas só verão uma coisa. Você é um homem e eu vejo um homem”*.

Luís, muito emocionado: *“Sim, eu sou um homem”*.

O diretor pede tempo e desfaz a cena, agradecendo aos dois e solicitando que voltem aos seus lugares.

Compartilhamento

O diretor demarca que essa é a hora de compartilhar com Luís, mas antes pergunta para Luís:

- *“Luís, como foi para você fazer essa cena”?*

Luís: *“Foi bastante forte”*.

Cristiano interrompe: *“Eu não entendi ainda o porque você insiste em sua mãe. Isso é ruim para você e para ela”*.

Diretor: *“Luís, você quer responder ou prefere que eu diga”?*

Luís: *“É porque eu não quero só o dinheiro. Eu quero o carinho também”*.

Cristiano: *“Cara... Eu passei pela mesma coisa. E foi só com quarenta e um anos de idade que eu consegui me acertar com a minha mãe. Mas porque eu baixei a bola também e dei o tempo que ela precisava para isso”*.

Morena: *“Luís, você pode ficar lá em casa se você quiser. Ficamos eu e meu marido na sala e você dorme na minha cama. Até você se ajeitar na vida”*.

Luís, Cristiano e Fernanda começaram a chorar e rir, dizendo que Morena era uma fofa!

Morena: *“É verdade. Você já conhece a minha casa e pode contar comigo”*.

Luís: *“Eu jamais faria isso. Jamais daria trabalho para ninguém. Ninguém merece trabalho”*.

Diretor: *“Luís, você ajudaria os outros se eles precisassem da sua ajuda”?*

Luís: *“Mas claro. Eu sempre ajudei e sempre vou ajudar”*.

Diretor: *“Então escute o que as pessoas estão te dizendo. Aceite ajuda de vez em quando”*.

Luís, com lágrimas nos olhos: *“Está certo. Preciso mesmo aceitar mais ajuda. Obrigado Morena. Obrigado a todos”*.

Diretor: *“Mais alguém quer compartilhar com o Luís”?*

Ninguém mais quis compartilhar e o diretor pediu uma palavra para cada pessoa do grupo sobre o atendimento com o Luís.

Fernanda: *“Libertação”*

Morena: *“Amizade”*

Cristiano: *“Amizade”*

Luís: *“Crescimento”*.

Antes de encerrar o encontro, o diretor diz:

- *“Pessoal, a sessão de hoje acabou e o grupo continuará no próximo ano. Mas esse é o último atendimento para eu realizar o meu TCC e eu gostaria de saber como foi para vocês esse tempo comigo. Fizemos, de fato, sete encontros”*.

Todos disseram que foi bom.

Diretor: *“Então, para eu checar, o que é transexualidade para vocês”?*

Fernanda: *“É apenas um rótulo que colocam na gente para dar nome a uma coisa que ninguém sabe explicar. Acho que cabe a nós escolhermos. Para mim é uma questão de escolha”*.

Diretor: *“Ser transexual é uma escolha”?*

Fernanda: *“Para mim sim”*.

Cristiano: *“Eu discordo. Se eu pudesse escolher, eu realmente não escolheria esse sofrimento que carreguei a vida toda”*.

Fernanda: *“Mas você escolheu assumir”*.

Luís: *“Eu também não acho que seja uma escolha. Sofremos muito para escolhermos. Eu sou um homem transexual. Sempre fui. Nasci assim”*.

Diretor: *“Entendo que a palavra transexualidade seja uma definição para a sociedade dar um nome a essa diversidade sexual humana. Mas o se sentir transexual, emprestando essa definição, é uma escolha? Fernanda, você escolheu se sentir mulher”?*

Fernanda: *“Eu escolhi por peitos e me apresentar como mulher”*.

Diretor: *“Mas se você não colocasse o peito, você não se sentiria mulher”?*

Fernanda: *“Os peitos me ajudam a me sentir mulher”.*

Diretor: *“Então você já se sentia uma mulher. Os peitos, os cabelos e as roupas só a ajudam nisso”.*

Fernanda: *“Isso mesmo”.*

Diretor: *“Ok.”*

O diretor, então, continua para todos:

- *“Então, para encerrarmos, vocês sabem que o meu trabalho é sobre as técnicas do psicodrama no desenvolvimento da identidade transexual. Vocês acreditam que esse trabalho que estamos fazendo ajudou nesse sentido”?*

Fernanda: *“Sim Bruno. Eu estou cada vez mais feliz de quem eu sou e certa de que eu posso ser eu mesma. A terapia e o grupo estão me deixando mais forte e com menos medo de ser eu mesma”.*

Cristiano: *“Nossa... A Fernanda disse tudo. Essa terapia está nos empoderando como pessoas trans e nos mostrando que somos iguais a qualquer um em sentimentos”.*

Luís: *“É... A Fernanda já falou tudo mesmo”.*

Morena: *“Eu acho bem legal nós termos um espaço para falar nossas coisas. Acho bem legal”.*

Diretor: *“E o que vocês acham que mudou em vocês desde que começamos até hoje”?*

Fernanda: *“Eu estou pensando mais no meu futuro. Antes eu não fazia isso. Achava que eu tinha que viver só hoje e acabou! Até já tenho planos para 2016, mas não vou contar. Mas já estou, sim, pensando em mim no futuro”.*

Luís: *“Para mim mudou a forma de ver as coisas. Você tem nos mostrado que sempre existe uma saída e que não precisa ser tão dolorosa. Sempre podemos fazer diferente daquilo que estamos acostumados”*.

Cristiano: *“Bruno, me senti muito bem em todas as sessões que participei. Você realmente está nos mostrando um novo jeito de ver as coisas e nos vendo como ninguém quer nos ver. Você está nos dando espaço e tratando a gente como pessoas de verdade. Muito obrigado”*.

Morena: *“Eu estou aprendendo a ler e a escrever”*.

Cristiano: *“Bruno, gostaríamos de continuar a terapia em grupo com você. É possível? Você tem disponibilidade pra isso”?*

Diretor: *“Vocês todos acham interessante continuarmos com o grupo no próximo ano”?*

Luís: *“Sim, eu quero continuar, se você puder”*.

Fernanda: *“Eu também quero”*.

Morena: *“Eu acho bem legal esse grupo. Eu também queria continuar”*.

Diretor: *“Então, se vocês querem e eu posso, vamos continuar! No mesmo dia e horário, ok?”*

Todos: *“Ok”*.

Diretor: *“Pessoal, eu agradeço, de coração, a cada um de vocês por terem me acompanhado e me ajudado nesse trabalho. Eu espero que o trabalho escrito faça jus a tudo o que esse grupo representa para mim. Tenham um Feliz Natal e um ótimo Ano Novo. Nos vemos em 2016”*.

Todos se abraçaram e o encontro encerrou.

8. Discussão e Reflexão dos Dados

Em seus estudos sobre o atendimento à população transexual, Alexandre Saadeh (2004) enfatiza que um trabalho psicoterapêutico só será eficaz se este trabalho reconduzir os sujeitos à sua realidade, não confrontando a sua sexualidade, mas buscando uma adequação a partir do que eles realmente são, respeitando-os como indivíduos.

Foi assim que esse trabalho foi pensado, desenvolvido e conduzido: respeitando cada sujeito participante deste estudo, buscando a adequação dentro das suas próprias identidades de gênero, com um apoio do psicodrama e de suas técnicas.

Inicialmente, as tentativas de reunir as pessoas para conseguir quórum e o grupo ser de fato montado foram muitas. Muitos contatos foram feitos e muitas faltas aos encontros aconteceram, impossibilitando o início do grupo na época em que o autor desejava. Andaló (2006) relata que esse fenômeno da dispersão, principalmente nas fases iniciais dos grupos, é bastante comum. Ela diz que, geralmente, esse fenômeno é atribuído à falta de habilidade ou eficácia do diretor, o que de fato pode ter acontecido neste trabalho, pelo fato do pesquisador estar num momento de role taking, ou seja, ainda se apropriando do papel de psicodramatista clínico e de grupo

Conforme citado a cima, o autor está em fase de tomada do seu papel de psicodramatista, é possível que tenha faltado habilidade na identificação dos sujeitos para este estudo, bem como a permanência de todos nas sessões que se seguiram. Essa inabilidade pode ter sido potencializada pela falta de modelos e exemplos de atendimentos a grupos dessa temática, principalmente numa abordagem psicodramática.

Outra questão importante para esta dificuldade inicial está na falta da possibilidade de entrevistar individualmente cada participante, pois eles foram a um grupo em virtude de pedidos de sua rede social para contribuir para uma pesquisa. Ressalta-se aqui que a entrevista individual inicial é muito importante, pois além de ajudar a criar um vínculo com cada pessoa também auxilia na identificação e esclarecimento do que é o espaço oferecido e alinham-se as expectativas dos participantes.

Por todos os fatores mencionados acima, o atendimento a esse grupo tomou-se de tamanha originalidade que fez com que a condução tenha sido da forma como o autor acreditou ser possível no momento, contribuindo com a dificuldade de o grupo “engrenar”, no entanto, respeitando acima de tudo o emergente grupal e principalmente o movimento deste.

Andaló (2006) diz, ainda, que as primeiras sessões são as mais difíceis, pois cada participante tende a ir para aos encontros por motivos particulares e, até o vínculo ser criado e o sentimento de grupo aparecer, alguns indivíduos podem não se identificarem com o grupo e desistirem.

Esse fenômeno foi observado, principalmente, com as participações da Sheila e do Anderson. Ela apareceu em apenas um dos encontros e ele em dois deles, não retornando e nem contribuindo, de fato, para o desenvolvimento do restante do grupo na psicoterapia. Cabe ressaltar também em relação ao Anderson e Sheila que existia um grau vincular que impossibilitava a participação dos dois membros em um grupo terapêutico. Eles eram companheiros amorosos. Por um lado, a saída deles possibilitou a continuidade do trabalho, pois em um grupo de psicoterapia, que não tenha este objetivo, é bastante complicado ter graus de relações tão próximas.

Entende-se que, no entanto, para essas pessoas, o clima terapêutico não foi suficientemente criado no grupo ou não foi suficientemente transmitido pelo grupo. Dias (1987) diz que um clima terapêutico depende das relações interpessoais, pois elas fornecem elementos básicos para o crescimento e amadurecimento psicológico dos indivíduos, precisando de aceitação, proteção e continência. Tanto por parte do psicoterapeuta quanto por parte do grupo. Pelo contato com ambos ter sido muito breve por essas pessoas, é possível que esses elementos não tenham sido garantidos para esses dois indivíduos, levando-os a desistir do estudo e do processo terapêutico.

Com o grupo montado, com a tentativa de seguir os padrões de Bustos (1999), que diz que um grupo deve ter entre quatro e oito integrantes, foi dado início efetivamente aos trabalhos psicodramáticos no intuito de entender se o psicodrama e as técnicas psicodramáticas podem auxiliar na construção da identidade transexual.

O clima de desconfiança com as reais intenções do autor com o trabalho permaneceu até por volta do sétimo encontro. Pela inexperiência do diretor, essa dificuldade de confiança não foi percebida no início do grupo e fez com que as sessões se seguissem com menor eficiência. Essa questão foi trabalhada aos poucos, no decorrer das sessões, numa construção constante de vínculo, não prejudicando o resultado do trabalho.

A construção do vínculo foi um desafio para o diretor pois, devido ao tempo para a formação do grupo, não foi possível realizar uma entrevista individual com cada participante para levantar a história de vida de cada um e as expectativas deles com o grupo de psicoterapia. O vínculo foi acontecendo conforme as sessões se desenrolavam e, principalmente, quando o diretor se mostrou ao grupo, aplicando as técnicas.

Cabe ressaltar ainda sobre a questão da vinculação diretor-participantes um aspecto muito importante sobre a construção desse grupo – ele foi criado para uma pesquisa. Este fator influencia muito no trabalho, afinal, a população atendida pelo pesquisador, sofre com a curiosidade da comunidade em geral sobre suas vidas, suas relações, sua pessoa. Muitas pesquisas são elaboradas, realizadas e não trazem nenhum retorno de fato para estas pessoas. É natural que fiquem desconfiadas com mais um trabalho, mais alguém querendo saber sobre elas. Esta desconfiança fica evidente no trecho abaixo, que é a fala de uma das participantes:

“Mas você vai fazer o que aqui? Muitas pessoas vêm e pedem para a gente contar as nossas histórias e depois elas vão embora e nunca mais as vemos e nem sabemos o que fizeram com o que falamos”.

Um detalhe muito importante foi que o grupo não conseguiu fazer seu desenvolvimento no consultório da organização de ensino do autor, ela foi acontecer dentro da instituição de proteção e acolhimento que os participantes frequentam. Não se está aqui relacionando diretamente a desconfiança ao lugar de realização, mas se está levantando a hipótese de que estas pessoas estão cansadas de serem feitas de cobaias, então, o mínimo é que elas tenham o direito de escolher o local que gostaria de estar e também de terem um tempo para conhecerem bem o pesquisador. Falando mais claramente, elas têm o direito a escolhas e a se proteger.

Como este grupo começou muito peculiar, faz-se necessário ressaltar que, em todas as sessões, se tentou respeitar as etapas do método psicodramático. No entanto, por o grupo possuir dificuldade de se integrar e se entregar, provavelmente por causa de tantas violações sofridas no decorrer de suas vidas, priorizou-se atender ao emergente grupal e a construção do vínculo, dentro dos fundamentos psicodramáticos. Seria imprudente o diretor preocupar-se apenas em aplicar as etapas e técnicas psicodramáticas em um grupo de pessoas que são constantemente violentadas pela sociedade sem possuir vínculo.

Sobre o exposto acima, Bustos (1999) defende que as etapas do método psicodramático não se cumprem no tempo se apenas uma sessão, como exposto a seguir:

Um psicodrama aplicado a um processo difere daquele concebido para uma demonstração pública ou ato terapêutico. Os passos do

psicodrama (aquecimento, dramatização, compartilhamento) não se cumprem no marco de uma sessão; ao contrário, muitas vezes trabalha-se sob forma verbal, alternando os trabalhos dramáticos grupais... A implementação das técnicas dramáticas é incorporada como um recurso que pode ser utilizado em qualquer momento do grupo, sem que ceda lugar a uma dramatização. (BUSTOS, 1999, p. 53).

Antes de falar das etapas do método psicodramático, ainda cabe discutir o momento de matriz de identidade – a indiferenciação, pois assim este grupo chegou para o trabalho. Segundo Fonseca (2008), o grupo já se inicia expressando a “fase da indiferenciação”, pois as pessoas estão ansiosas com relação ao futuro do grupo e, frequentemente, apresentam comportamentos de simbiose entre o grupo, utilizando-se de suas defesas infantis neste momento em grupo.

Contudo, percebeu-se que este é um grupo que passa pela etapa do aquecimento com uma velocidade considerável, provavelmente pelo fato de já se conhecerem e terem muito contato em ambientes fora psicoterapia grupal, dificultando o papel do diretor em realizar o aquecimento inespecífico e o aquecimento específico durante as sessões. Esta dificuldade foi entendida em alguns momentos como sendo a dinâmica do próprio grupo, talvez por se conhecerem fora do grupo, o trabalho tenha sido dificultado.

Quando tem-se pessoas que se conhecessem é importante trabalhar-se a sociometria e aquecê-las para um processo psicoterapêutico. Afinal, podem ter relações tão complicadas entre os participantes que se isto não for desfeito, o grupo corre o risco de acabar rapidamente. Também é importante dar o direito de as pessoas escolherem estar naquele grupo em psicoterapia ou não.

A velocidade considerada rápida na etapa do aquecimento pode ter servido de resistência a entrar em contato com os sentimentos ou ainda ao contrário, pode denotar uma intensa necessidade de falar de suas vidas. O que em algumas sessões ficou óbvio. Mas, importante a ressalva que o falar pode não levar a uma mudança nos comportamentos, por isto o psicodrama opta pela ação.

As Dramatizações ocorreram de diversas formas e foram utilizadas diversas técnicas, a fim de trazer adequação de cada fala e de cada ação. Seguem alguns exemplos de técnicas e os trechos dos atendimentos que demonstram a importância delas:

Interpolação de Resistência

Esta é uma das técnicas clássicas morenianas que, segundo Weshler (1999) consiste em o psicoterapeuta mudar o rumo da situação criada pelo protagonista. Esta técnica tem a finalidade de fazer o indivíduo refletir o seu discurso e entender se ele está adequado e possui coerência com o momento vivido por ele.

Esta técnica pode ser observada no seguinte trecho de um dos atendimentos:

Diretor para Luís (no papel de mãe): “A senhora foi um exemplo e que quer que o Luís siga”.

Luís (no papel de mãe): “Exatamente”.

Diretor para Luís (no papel de mãe): “A senhora procurou um namorado ‘perfeito’ para fazer um filho que, ao nascer, a senhora entregou para o pai cuidar”.

Luís: “Para o pai do pai cuidar”.

Diretor para Luís (no papel de mãe): “Para o avô cuidar. A senhora sabia que ele sofreu muito na infância? Que apanhava muito dos tios e dos primos? A senhora sabia que sofreu muito na escola e que era chacota de todo mundo”?

Esta resistência foi criada para que o protagonista percebesse que a mãe idealizada por ele possui muitas falhas que são negadas por ele próprio e essa negação o impede de ver outras possibilidades de ação frente aos seus problemas relacionais com a mãe.

Duplo

Segundo Monteiro (1998), a técnica do duplo consiste em o psicoterapeuta ou ego adotar a postura corporal do protagonista e fazer perguntas, levantar questões, falar de sentimentos e ideias para que o protagonista tenha os seus insights.

No trecho a seguir, pode-se perceber a utilização da técnica do duplo, onde o psicoterapeuta faz o duplo do protagonista, expondo o que o protagonista estava querendo dizer:

Diretor: *“Quando se está em boas mãos, tudo fica melhor”*.

Tomada de Papel

A inversão de papéis só acontece, realmente, quando os dois sujeitos da cena estão no mesmo grupo, segundo Monteiro (1998). Como as temáticas trabalhadas foram sempre com pessoas externas ao grupo, a tomada de papel é a que pôde ser observada durante o processo terapêutico, nos seguintes trechos:

Lúis (no papel de cunhado): “Eu te conheci por outro nome e é por esse nome que eu vou te chamar”.

Karin (no papel de cunhado): “Eu te conheci com o seu nome de registro e é assim que eu vou te chamar”.

Lúis (no papel de Karin): “Então pode me esquecer. Me tire da sua vida. Se você não consegue me respeitar, você morreu pra mim”.

A tomada de papel se torna importante para que os protagonistas possam perceber, a partir do outro, quais novas respostas eles poder dar para as situações que lhe incomodam.

Projeção para o futuro

Esta técnica tem como finalidade, segundo Gonçalves (1999), de fazer o sujeito experimentar vivências ainda não vividas por ele realmente, trabalhando dentro de uma realidade suplementar.

Esta técnica pode ser percebida nos trechos a seguir:

Diretor: “Ótimo. Vamos fazer de conta que você conseguiu esse seu emprego? Então vamos juntos pro lugar dessa almofada”.

O diretor enganchou no braço de Karin e a acompanhou até a almofada do Emprego.

Diretor: “Pronto! Você já está no emprego que você gostaria de estar. Ganhando os seus mil e cem reais por mês. Como você está se sentindo”?

Esta técnica possibilitou que a protagonista experimentasse algumas sensações que ainda não havia experimentando, aumentando o número de suas possibilidades para o enfrentamento das dificuldades que pudesse encontrar na realização do seu planejamento para o seu futuro.

Muitas outras técnicas foram utilizadas no desenvolvimento desse trabalho e, se fossem todas descritas, este trabalho se tornaria muito extenso e muito cansativo para os leitores.

Após as dramatizações em cada uma das sessões, foram realizados os compartilhamentos. Esta etapa é a última etapa da sessão psicodramática e só é possível de acordo Bustos (1999) e corroborado por Alves (2011) se os sujeitos forem contagiados pela emoção que a ação dramática trouxe. É o momento em que os protagonistas ressignificam os seus sentimentos a partir dos sentimentos dos outros integrantes do grupo.

O grupo demonstrou bastante dificuldade em falar de si mesmo nos momentos do compartilhamento, caindo em conselhos para o outro. Por isso é importante que o psicodramatista delimite este espaço e reforce que no compartilhar cada integrante deve falar de si para o outro e como a cena que se passou mexeu em seus próprios sentimentos, remetendo a si mesmo, não ao outro. Foram poucos os momentos em que o grupo conseguiu, de fato, compartilhar com o protagonista, como exemplificado abaixo:

Cristiano: “Cara... Eu passei pela mesma coisa. E foi só com quarenta e um anos de idade que eu consegui me acertar com a minha mãe. Mas porque eu baixei a bola também e dei o tempo que ela precisava para isso”.

A dificuldade de fazer o compartilhamento não é exclusividade deste grupo. A literatura mostra outras experiências de psicoterapia de grupo, workshop, vivências, entre outros trabalhos, em que as pessoas têm mais facilidade de falar para o outro e não de si mesma. Afinal, falar de si também é se expor e, principalmente, se igualar ao outro. O compartilhar é de responsabilidade do diretor que precisa ir ensinando ao seu grupo a falar o que realmente sentiu, o que lhe tocou, ou seja, o compartilhamento de suas feridas da alma. Isto torna as pessoas mais próximas. O conselho, o qual na sua maioria vira um julgamento, uma maneira de dizer que o outro não soube ou sabe como reagir, pode

provocar um clima de intimidação grupal, pois para que se mostrar? Para ser corrigido. No caso deste grupo, ainda é maior a dificuldade de não dar conselhos, afinal, muitos vivem em situação de risco e desproteção, provocando no diretor e nos participantes a vontade de cuidar e orientar.

Com esse trabalho, foi possível perceber que o psicodrama e suas técnicas ajudam as pessoas transexuais na construção e na apropriação de suas identidades, pois o psicodrama possibilita que os sujeitos experimentem novas respostas para o enfrentamento de suas dificuldades cotidianas, fazendo com que sejam mais espontâneas e criativas nessas respostas.

Para este grupo, o psicodrama e as técnicas tiveram efeito positivo devido ao respeito pelos movimentos do grupo e pela inserção da ação nos processo terapêutico, acelerando o processo da psicoterapia e proporcionando uma mudança considerável em pouco tempo. Foram realizados apenas dez encontros, nos quais o diretor buscou atender os emergentes grupais e priorizou a construção do vínculo para que a psicoterapia pudesse acontecer de maneira mais natural, respeitando o momento do grupo. O psicodrama os fez aprender a entrar em contato com seus sentimentos de maneira mais madura; que se vissem como pessoas dando um espaço que antes pensavam não poder ter, como relatado nos trechos a seguir:

Fernanda: “... Eu estou cada vez mais feliz de quem eu sou e certa de que eu posso ser eu mesma. A terapia e o grupo estão me deixando mais forte e com menos medo de ser eu mesma”.

Cristiano: “...Essa terapia está nos empoderando como pessoas trans e nos mostrando que somos iguais a qualquer um em sentimentos”.

Fernanda: “Eu estou pensando mais no meu futuro. Antes eu não fazia isso. Achava que eu tinha que viver só hoje e acabou! Até já tenho planos para 2016, mas não vou contar. Mas já estou, sim, pensando em mim no futuro”.

Luís: “Para mim mudou a forma de ver as coisas. Você tem nos mostrando que sempre existe uma saída e que não precisa ser tão dolorosa. Sempre podemos fazer diferente daquilo que estamos acostumados”.

Cristiano: “Bruno, me senti muito bem em todas as sessões que participei. Você realmente está nos mostrando um novo jeito de ver as coisas e nos vendo como ninguém quer nos ver. Você está nos dando espaço e tratando a gente como pessoas de verdade. Muito obrigado”.

Morena: “Eu estou aprendendo a ler e a escrever”.

Com esses relatos é possível entender que o psicodrama, de certa forma, empodera os indivíduos na sua própria identidade, permitindo-os desenvolver-se com mais segurança e um olhar à luz da saúde de cada um, por meio da ação que contribui para que os integrantes do grupo se abram para os outros, permitindo que o grupo todo seja trabalhado a partir do protagonista de cada sessão.

No decorrer das sessões de psicoterapia psicodramática, por meio do respeito ao movimento grupal e construção do vínculo, o grupo passou, até o último encontro realizado, da fase da indiferenciação para a fase do reconhecimento do eu que, segundo Fonseca (2008), é a fase em que se passa pelo reconhecimento de si mesmo, em que o indivíduo se percebe em sua própria individualidade.

O psicodrama é um método que pode ser utilizado para qualquer pessoa e qualquer grupo, independente da sua orientação sexual, identidade de gênero, crença religiosa, etc., desde que sejam respeitados os seus momentos e movimentos grupais. As técnicas psicodramáticas devem ser inseridas aos poucos, para que não haja um sentimento de violação e constrangimento no grupo. Com o passar do tempo, é possível que o grupo seja treinado nas técnicas psicodramáticas para que não seja amedrontador aos integrantes, com o objetivo de ressignificar os sentimentos e vivências do grupo, afinal, como disse Cristiano, integrante do grupo deste trabalho, “...somos iguais a qualquer um em sentimentos”.

8.1. Solilóquio do Diretor

Pelo psicodrama ser um método relacional que leva em consideração os sentimentos de todos os integrantes do grupo, inclusive do diretor, este subcapítulo levou o nome de solilóquio do diretor com o intuito de demonstrar para o leitor os sentimentos e

pensamentos do diretor durante a realização do trabalho, de maneira narrativa, desapegando-se da técnica pura do solilóquio.

O fato de as pessoas não comparecerem aos encontros iniciais para a realização deste trabalho fez com que o diretor apresentasse elevada ansiedade e certa descrença em relação à prática psicodramática com esse público. Acreditava que estas pessoas não viriam a se comprometer com um simples trabalho de pesquisa de especialização e que não são acostumadas a aproveitar o que é seu de direito. Esse pensamento foi sendo desconstruído com o passar das sessões e foi substituído por um pensamento de ajuda.

Ao se deparar com o grupo, o diretor percebeu que todos tinham questões muito fortes e importantes a serem trabalhadas e não gostaria de deixar ninguém sem acolhimento, tentando atender a todos, o que em alguns momentos fez com que a ansiedade o levasse a beira da atuação.

O grupo se demonstrou bastante resistente desde o início, o que fez com que o diretor não se utilizasse do seu papel de “organizador” do grupo, com receio de espantá-los, já que a assiduidade não estava em alta, permitindo com que o grupo interferisse nas sessões dos protagonistas e, até mesmo, fizessem outra atividade durante as sessões. Quando se discute o papel do diretor não se comenta que ninguém é diretor de um grupo se este não o eleger como diretor. Por isto, cabe aqui um incentivo para uma pesquisa em relação ao papel do diretor correlacionado com o de líder. Percebe-se que papel de diretor também precisa ser conquistado. O diretor precisa ser uma autoridade elegida pelo grupo.

Este receio se deu porque o diretor sentiu-se na obrigação de respeitar o espaço em que estava atuando, que é frequentado pela população TLGB em geral, e não queria ferir a rotina da instituição, mas ficou bastante chateado quando, em duas das sessões, alguns integrantes estavam fazendo outra coisa. Porém elas estavam conectadas com o grupo, pois, no compartilhar, ficou evidente que estavam acompanhando todo o movimento e falas do grupo.

O pensamento da necessidade de ajudar ao grupo era tamanho que o diretor sentiu-se ansioso em ajuda-los a resolver os seus problemas e perceber que eles estariam mais leves e mais felizes. Esta ansiedade do diretor fez com que ele não percebesse cenas importantes que os protagonistas traziam, perdendo-as e sentindo que deixou as sessões mais pobres.

O fato de o grupo ter solicitado com que o grupo continue foi de grande alegria e satisfação pessoal para o diretor, pois teve a evidência de que o grupo está gostando, apoiando e crescendo com o trabalho. Porém isso demonstra que o diretor precisa de mais

preparo, com supervisões para o atendimento e mais estudo sobre o psicodrama, suas técnicas e sobre a transexualidade. Mas, no entanto, o pedido de continuidade, também demonstra que o diretor foi conquistando o grupo e hoje ele o elege como diretor, podendo agora mergulhar nos sentimentos mais profundos de suas almas. E para saber lidar com pessoas, nada mais essencial do que se trabalhar e estudar nesta eterna construção do papel de psicodramatista.

9. Considerações finais

Apesar do pouco material acadêmico na teoria psicodramática sobre o assunto da transexualidade, este estudo revelou que o Psicodrama é uma abordagem possível na construção da identidade transexual e na apropriação desta identidade pelas pessoas transexuais.

As dificuldades encontradas durante a realização do trabalho apenas reforçaram a necessidade de trazer visibilidade para esta população, no sentido de fazer com que os indivíduos sejam mais vistos e menos discriminados socialmente, ocupando os mesmos espaços que o restante da população.

O acesso aos estudos e ao mercado de trabalho, respeitando a sua identidade de gênero, é imprescindível para o desenvolvimento social destes indivíduos e, conseqüentemente, o reforço da sua identidade transexual.

O Psicodrama facilita as interações dos indivíduos, minimizando os sofrimentos e aumentando o repertório de enfrentamento das pessoas nos ambientes acadêmicos e laborais, mas é necessário que se criem políticas públicas que garantam o acesso e o respeito a essas pessoas nestes ambientes.

A prática psicodramática com este grupo continuará após a apresentação deste trabalho, mas faz-se necessário, também, que mais profissionais do psicodrama estudem e atendam pessoas transexuais, para que as produções acadêmicas aumentem, aumentando o entendimento sobre essa população.

10. Referências Bibliográficas

- AGUIAR, Moyses. Teatro da Anarquia: um Resgate do Psicodrama. São Paulo: Papirus, 1988
- ALVES, Luís Falivene. Sentimentos no Psicodrama. *Rev. bras. psicodrama*, São Paulo, v. 19, n. 1, 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932011000100013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 dez. 2015.
- American Psychiatric Association: Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fourth Edition, Washington, DC, American Psychiatric Association, 1994.
- ANDALÓ, Carmen. Mediação grupal: Uma leitura histórico-cultural. São Paulo: Ágora, 2006.
- CFP. Despatologização trans, por um mundo não binário. *Jornal do Federal*, ano XXVI, nº 111. Páginas 16 e 17, agosto 2015.
- CRP/SP. Questões éticas. *Jornal Psi*, número 142, outubro 2014/janeiro 2015. Disponível em http://www.crsp.org.br/portal/comunicacao/jornal_crp/142/frames/fr_indice.aspx acessado em 12 de dezembro de 2015.
- CUKIER, Rosa. Psicodrama Bipessoal: sua técnica, seu terapeuta e seu paciente. São Paulo: Editora Ágora, 1992.
- CUKIER, Rosa. Sobrevivência emocional: as dores da infância revividas no drama adulto. São Paulo: Ágora, 1998.
- DIAS, Maria Berenice. Transexualismo e o direito de casar. In *Seleções Jurídicas*, junho/2000, Edição Especial, COAD/ADV, págs. 34/36
- DIAS, Victor R. C. Silva. Psicodrama: teoria e prática. São Paulo: Ágora, 1987.
- DRUMMOND, Joceli. Coaching com Psicodrama. Rio de Janeiro: Wah Editora, 2012
- FRANCA, Maria Regina Castanho. Famílias homoafetivas. **Rev. bras. psicodrama**, São Paulo, v. 17, n. 1, 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932009000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 set. 2015.

FONSECA FILHO, José de Souza. Psicodrama da loucura: correlações entre Buber e Moreno. São Paulo: Ágora, 2008.

GONÇALVES, Camila Saller. Lições de Psicodrama: introdução ao pensamento de J. L. Moreno/ Camilla Salles Gonçalves, José Roberto Wolff, Wilson Castello de Almeida. – São Paulo: Ágora, 1988.

GUIMARÃES, Gustavo Queiroz. Uma nova resposta ao conceito de Espontaneidade. Revista Brasileira de Psicodrama, 19(1), 135-142, (2011). Recuperado em 28 de novembro de 2015, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932011000100011&lng=pt&tlng=pt. .

HOLMES, Paul & KARP, Marcia. Psicodrama: inspiração e técnica. São Paulo: Ágora, 1992.

KAUARK, Fabiana. Metodologia da pesquisa : guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

MENEGAZZO, Carlos M. Dicionário de psicodrama e sociodrama. São Paulo: Ágora, 1995.

MONTEIRO, Regina F. Técnicas fundamentais do Psicodrama. São Paulo: Ágora, 1998.

MORENO, Jacob Levy. Psicodrama. São Paulo: Cultrix, 1975.

_____, Jacob Levy. O teatro da Espontaneidade. São Paulo: Ágora, 2012.

PAIVA, V.; ZUCCHI, E. Estigma, discriminação e saúde: aprendizado de conceitos e práticas no contexto da epidemia de HIV/aids. In: PAIVA, V.; AYRES, J. R.; BUCHALLA, C. M. (org.) Vulnerabilidade e direitos humanos – prevenção e promoção da saúde: da doença à cidadania – Livro I. Curitiba: Juruá, 2012, p. 111-144

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. O processo grupal. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

RAMALHO, Cybele M. R. Psicodrama e dinâmica de grupo. São Paulo, Ed. Iglu: 2010

RELATÓRIO SOBRE VIOLÊNCIA HOMOFÓBICA NO BRASIL: ANO DE 2012. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR). Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>, acessado em 25/09/2015.

SAADEH, Alexandre; Transtorno de identidade sexual: um estudo psicopatológico de transexualismo masculino e feminino, 2004, disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde.../Tesealexandre.pdf>, acessado em 24/09/2015.

SOUZA, Heloisa Aparecida; BERNARDO, Marcia Hespanhol. Transexualidade: as consequências do preconceito escolar para a vida profissional. Bagoas – Estudos gays: gêneros e sexualidades, 2014, disponível em <http://www.periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6548>, acessado em 25/09/2015.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 2008

TREVISAN, João Silvério. Devassos no paraíso: (a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade). Ed. Revisada e ampliada. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

VIEIRA, Tereza Rodrigues. Transexualidade. In: DIAS, Maria Berenice (coord). Diversidade Sexual e Direito Afetivo. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2011.

WECHSLER, Mariângela. Psicodrama e Construtivismo: uma leitura Psicopedagógica. São Paulo: AnnaBlume Editora, 1999.

ZAKABI, Denise. Clínica LGBT: contribuições do psicodrama para superação do estigma e da discriminação. Revista Brasileira de Psicodrama, São Paulo, v. 22, n. 2, 6-14, 2014.

11. Anexos



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é Bruno Seeller Biesczad e estou desenvolvendo a pesquisa cujo título é **“Transexualidade: a ação Psicodramática na construção da identidade Transexual”**, orientado pelas **Profas. Msc. Márcia Pereira Bernardes e Msc. Monica Duarte da Silva Gonçalves**, com o objetivo de investigar se as técnicas psicodramáticas auxiliam do desenvolvimento do papel transexual.

Este estudo é importante, pois poderá ajudar a produzir material sobre a transexualidade na abordagem do Psicodrama aumentando a visibilidade desse grupo. Esperamos que esse trabalho traga benefícios para os profissionais que trabalham na intervenção psicológica com pessoas e famílias em diferentes contextos. Nós o convidamos a participar do grupo temático sobre Transexualidade, o que não trará nenhum risco para você. Se você tiver alguma dúvida em relação ao estudo ou não quiser fazer parte do mesmo, poderá falar conosco pessoalmente, pelo email brunobiesczad@gmail.com ou pelo telefone (48) 9669-0074 . Se você estiver de acordo em participar, garantimos que as informações fornecidas (ou material coletado) serão confidenciais e utilizadas apenas para fins científicos.

Pesquisadores: Profas Msc. Márcia Bernardes e Msc. Monica Duarte da Silva Gonçalves e Aluno Bruno Seeller Biesczad



Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui esclarecido sobre a pesquisa **“Transexualidade: a ação Psicodramática na construção da identidade Transexual”** e concordo que meus dados sejam utilizados na realização da mesma.

Florianópolis, ____ de _____ de 2015.

Assinatura: _____

Telefone: _____ E-mail: _____

CPF: _____ RG: _____